



JORNAL do ALGARVE

FUNDADOR: JOSÉ BARÃO

DIRECTOR: ANTÓNIO BARÃO

ANO 19.º

SEXTA-FEIRA, 9 DE JANEIRO DE 1976

AVENÇA

N.º 981

A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODOS OS JORNAIS DO ALGARVE

PROPRIEDADE — V.ª e HERD.º DE JOSÉ BARÃO

OFICINAS: EMPRESA LITOGRAFICA DO SUL, S. A. R. L. — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO BRASIL, 48 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — TELEF. 254

LISBOA — TELEF. 361839

FARO — TELEF. 22322

AVULSO 2\$50

PORTUGAL SERÁ EFECTIVAMENTE UM PAÍS POBRE?

DURANTE muitos anos, quase meio século, graças à filosofia salazarista/marcelista — fascista, foi-se inculcando no povo português a ideia de que o nosso país era um país pobre.

Os portugueses foram descrendo de si próprios como povo, como consciência colec-

tiva e aceitando este tipo de fatalismo. Por isso a emigração, por isso a fome, a incerteza do amanhã, em suma, o subdesenvolvimento.

Quando o governo ditatorial «governava» sem o povo, sem a sua participação activa, sem o seu dinamismo, e cada vez mais esse governo tinha perante si a indiferença dos explorados e o «não» resolutivo dos lutadores antifascistas, era evidente que a sua queda seria inevitável. E, afinal, a marcha irreversível do processo histórico.

O glorioso e libertador 25 de Abril surgiu e uma nova esperança nasceu nos corações e nos sentimentos dos portugueses.

Dezanove meses depois, as-

sistimos ao «diálogo» dos ministros e secretários do actual governo provisório, numa «ofensiva» de esclarecimento da opinião pública através dos órgãos da comunicação social, nomeadamente na TV. Mas quando se ouve responsáveis de diversos departamentos governamentais procurarem fazer uma política de verdade dos negócios deste país, aqui e agora, fica-nos uma grande interrogação, se não uma forte dúvida quanto às perspectivas políticas e aos meios para solucionar determinados problemas.

Por exemplo: o problema do desemprego que é, afinal, toda uma problemática nacional, que o mesmo é falar-se de independência nacional. Quando o secretário de Estado do Emprego nos diz das difi-

por José L. Santos

culdades neste sector e, em síntese, nos aponta como meio de solucionar este problema a hipótese (de novo!) da emigração e a procura de novos contratos com países do terceiro mundo — Iraque, Tunísia, Venezuela, etc. —, o cidadão volta a ver imagens e situações do início da década de 70 em que, concretamente aqui, no Algarve, pelo encerramento de algumas unidades fabris de conservas de peixe (falências), o governo fascista peremptoriamente solucionou uma crise social e política facultando a saída dos operários conserveiros desempregados, colocando-os (dir-se-ia mercadorias!) nos mercados de trabalho da França, da Alemanha, etc... Fórmula simples esta: ante a morte de uma

(Conclui na 3.ª página)

TEMAS EM DEBATE PERSPECTIVAS POUCO ANIMADORAS

Espreita-nos o fantasma da fome. Não se trata de uma imagem literária. A realidade é esta e muito triste. O Natal já foi escasso em géneros de primeira necessidade, embora fossem divulgadas algumas notícias esclarecedoras da Direcção Geral dos Abastecimentos, de que o País estava fornecido convenientemente.

Mas é impossível, evitar nesta época e perante tão negras previsões, que as pessoas procurem armazenar um pouco. No entanto, muitas tiveram mesmo dificuldade em conseguir o essencial. Houve escassez, efectivamente, e uma subida de preços proibitiva. Onde estavam o bacalhau, a manteiga, os ovos, de que ainda há bem pouco tempo se fazia campanhas de consumo junto do público?

As notícias são alarmantes e o próprio secretário de Estado do Abastecimento e Preços veio a público dar explicações. Aliás é óbvio que, se não se produz, escasseiam os géneros e se não há comércio com o exterior também falham as divisas. A crise económica é evidente.

Por outro lado, escoam-se as reservas nos orçamentos do Estado, que procura obter, com o lançamento de novos impostos, receitas a todo o custo. Por enquanto, é o tabaco e o café, a gasolina e o gasoil, e daqui a seis meses imagine-se o que não será, se não encontrarmos novas fontes de receita e empréstimos.

Estamos todos apostados em apertar o cinto, num austero panorama de emergência que haverá que cumprir à risca se quisermos sobreviver. Mas deveríamos também encarar a sério um plano de produção eficaz, que levasse todos os portugueses a trabalhar com autêntico entusiasmo na construção da sociedade democrática que pretendemos manter. Não chega apregoar-se um apaixonado socialismo, mas sim contribuir para o seu êxito. A Revolução não é só a reforma agrária, mas trabalhar a sério para que ela vingue, numa contribuição colectiva em que todos estamos empenhados. — M. B.



pele dr. MATEUS BOAVENTURA

UM TERRORISMO QUE JÁ NÃO IMPRESSIONA

MAIS um golpe terrorista para encerrar o ano político de 1975. Cinco guerrilheiros árabes assaltaram a sede da OPEP em Viena e sequestraram meia-centena de pessoas, incluindo onze ministros do Petróleo, que ali se encontravam reunidos.

Houve tiros, mesmo três mortos, mas o governo austríaco entrou imediatamente em negociações com os terroristas, que se anunciavam membros de um tal «Braço da Re-

(Conclui na 3.ª página)

UNIR E ORGANIZAR

NÃO é fácil fazer uma revolução. Nem tampouco é cómodo viver numa revolução.

O que a grande burguesia cedeu, pela força dos caminhos caminhados pela revolução, depois do 25 de Abril, tem tentado, por todos os meios, recuperar.

Houve a tentativa Palma Carlos,

por A. Vicente Campinas

coberta por uma aparente legalidade, na qual jogaram a alta finança, os saudosistas do salazarismo-caetanismo e o ambicioso candidato a ditador, o então general Spínola. Falhado que foi, também legalmente, esse golpe palaciano, arquitectado pelo que era nesse momento Presidente da República, com a conivência do subserviente primeiro ministro Palma Carlos e de outros spinolistas, o mesmo chefe do bando engendrou outra maneira, partindo igualmente de uma aparência legalista, de fazer pender a balança de todo o mando a seu favor. Foi preparando e aquecendo o ambiente, numa campanha acuatadamente reaccionária. Com o pretexto de se dar a palavra à chamada «maioria silenciosa» (que era, na realidade, a «minoría sediciosa») e em conlúio com banqueiros e outros magnates da alta burguesia, pagaram transportes e organizaram, de norte a sul do País, como nos «bons tempos» salazaristas, uma descida em massa das gentes arrebanhadas que, uma vez na capital, exigiriam todo o poder para o homem do monóculo. Graças à vigilância activa do povo, faliu redondamente essa nova tentativa de golpe de Estado reaccionário e spinolista. Com esse falhanço espectacular, Spínola sentiu que tinha perdido a partida. Só havia, em tal insuportável situação, uma saída, que foi a que adoptou: abandonar o posto a que o tinham

(Conclui na 5.ª página)

O JORNAL DO ALGARVE passa a publicar-se às sextas-feiras

Em virtude de os C. T. T. paralisarem os seus serviços aos sábados, o JORNAL DO ALGARVE passa, a partir de hoje, a publicar-se às sextas-feiras, para que os leitores não fiquem, nos fins de semana, privados de ler o órgão regional.

Esta alteração força-nos, naturalmente, a preparar com maior antecedência a composição e impressão de cada número, pelo que agradeceremos aos nossos colaboradores e anunciantes diligenciamos fazer-nos chegar às mãos, na manhã de cada terça-feira, os originais destinados ao número da semana correspondente.

FACTOS E IMAGENS

A ROTA DO NOVO ANO

DE Caela para baixo, até ao Guadiana, notámos, em rápida digressão, que o piso da estrada (péssima e estreita) já apresentava sinalização, bastante útil, em especial nas curvas e lombas, a avisar contra manobras perigosas. Esta sinalização, ao que sabemos, foi concluída há semanas e mais útil se tornaria se pudesse tornar-se extensiva a todo o piso, «sepa-

marcações obrigariam não só os homens dos automóveis como os das motoretas, a circular com mais cuidados.

De Tavira para cima, em algumas zonas, os sinais na estrada vão-se apagando, com o trânsito e a chuva, e alguns já mal se distinguem, pelo que se tornaria conveniente activá-los. E por ali seguimos, a diligenciar, naquele dia de Ano Novo, conhecer algo em que

(Conclui na 3.ª página)

TRIBUNA LIVRE

NÃO CONFUNDIR AGRICULTURA COM POLÍTICA (II)

VAMOS continuar em Vilamoura, onde se perde, ou se escoa, para o mar, cerca de um milhão de litros de água em cada hora, quantidade suficiente para regar todo o terreno aproveitável daquela área. Para isso bastaria uma electrificação em condições, para a instalação de bombas eléctricas, e ainda se poderia optar por motores Diesel. Nem era necessário recorrer à abertura de furos, pois bastaria tornar operacional, a vala existente desde a ribeira de Quarteira até ao lago dos Patos, ainda com a vantagem de que a limpeza dessa vala tornaria menos alagadiços os terrenos que a circundam, que assim ficavam aproveitáveis.

Este terreno, como já foi dito, adapta-se a qualquer sementeira de regadio, e uma vez aproveitado seria suficiente para alimentar de vários produtos hortícolas durante épocas, os habitantes de três cidades como Faro, isto sem usar de exagero.

Foi completada a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Faro

NO salão nobre do Governo Civil, o chefe do Distrito, dr. Almeida Carrapato, conferiu posse aos novos presidente e vice-presidentes da Câmara Municipal da capital algarvia.

O eng. Lopes Belchior, que exercia o cargo de vice-presidente, ascendeu a presidente do Município, ficando em vice-presidentes o eng. José João Leitão Ribeiro e o prof. Adérito Barreiros.

A Comissão Administrativa tem agora um elemento do P. P. D. (no caso o prof. Barreiros), dois do P. S., dois do M. D. P./C. D. E. e um do P. C. P.

por Manuel Faria

Não será muito possível fazer um cómputo aproximado do número de toneladas de melão que estes terrenos de Vilamoura produziram nos últimos três anos, mas estamos em crer que foi uma quantidade a ter em conta e a não perder de vista, futuramente. E já que falamos de melão, convém recordar que o seu preço de maneira nenhuma deve estar subjugado aos preços do Ribatejo, pois, como é sabido, naquelas áreas a sementeira

(Conclui na 3.ª página)

Passou alguns dias no Algarve o almirante Pinheiro de Azevedo

A PROVEITANDO a quadra festiva, esteve alguns dias a férias em Armação de Pêra o almirante Pinheiro de Azevedo, primeiro-ministro no VI Governo Provisório.

Esteve no Algarve o ministro Jorge Campinos

O MINISTRO do Comércio Externo e Turismo Jorge Campinos, aproveitou a sua estada de cinco dias na nossa Província para tratar de assuntos ligados ao turismo. Em reuniões de trabalho com as comissões administrativas e de trabalhadores da Comissão Regional de Turismo e elementos directivos da Associação de Hoteleiros e do Sindicato dos Trabalhadores do mesmo ramo, procurou encontrar soluções convenientes para a crise que o sector atravessa.

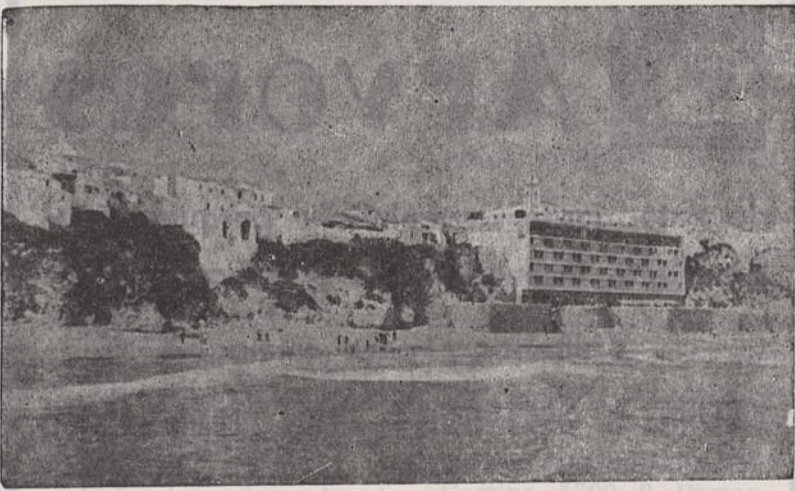
O NATAL E A REALIDADE

O NATAL, para uns não é mais que um dia mais triste do que os outros dias. Em muitos lares vemos as árvores de Natal e o presépio, noutros há olhos cheios de lágrimas de tristeza e amargura. Se para uns é o dia que serve para estrear o fato ou os sapatos, para outros é a continuação da fome e do desespero.

JORNAL do ALGARVE

A REVISTA «Rodoviária», que se publica em Lisboa, transcreveu o artigo que há semanas inserimos sob o título «Quando será reaberta a fronteira de Alcoutim?».

Também o nosso prezado colega «República» reproduziu o «Tema em debate» do nosso prezado colaborador M. B., publicado no Jornal do Algarve de 29 de Novembro último com o título «Liberdade de informação: uma necessidade e um direito».



Um retalho da praia de Albufeira

rando», mesmo onde não há lombas nem curvas, o lado dos «que vêm» do lado dos que vão. Haverá quem nos diga que a estrada é demasiado estreita para comportar estas demarcações. Objectaremos que da estreiteza vem o perigo, e as de-

Os Bombeiros Voluntários de Faro comemoram o 58.º aniversário

NO domingo, estará em festa a Corporação dos Bombeiros Voluntários de Faro (vulgo Cruz Lusa) com a ocorrência do 58.º aniversário, ou seja mais de meio século de existência inteiramente votada a servir as populações não apenas de Faro, mas de toda a Província, quer no combate ao fogo, como noutros sinistros e numa tarefa que apenas reconhece como recompensa a alegria do dever cumprido.

O programa inclui missa na igreja de São Pedro, às 10,30, romagem ao cemitério, desfile pelas ruas da cidade e almoço de confraternização.

(Conclui na 5.ª página)

Professora algarvia distinguida com o prémio «Liberdade»

EM cerimónia realizada na Figueira da Foz, foram entregues a quatro professoras do Ensino Primário os prémios «Liberdade», instituídos por disposição testamentária de Sousa Prego, em legado à Santa Casa da Misericórdia daquela cidade e destinados a galardoar os professores cujos alunos somem maior número de aprovações. Entre os distinguidos figura a nossa comprouviana sr.ª D. Teresa Ventura da Venda, professora da Escola da Nave (Monchique) que, leccionando simultaneamente três classes, obteve 17 aprovações.

À saúde é a maior riqueza

Certeza tranquilizadora
É de toda a conveniência que o indivíduo, ao terminar o tratamento anti-sifilítico prescrito pelo médico, faça um exame do líquido cefalorraquidiano («líquido da espinha»). Caso esse exame seja positivo, cumpra-se o tratamento, para evitar que a sífilis ataque o sistema nervoso.

Só se considere curado da sífilis quando tiver sido negativo o exame do seu líquido da espinha.

MÁRIO SANTOS

MÉDICO ESPECIALISTA
DO INSTITUTO PORTUGUÊS DE ONCOLOGIA
FRANCISCO GENTIL
DOENÇAS DE SENHORAS

Consultas: Janeiro, 10 e 24; Fevereiro, 14 e 28; Março, 13 e 27. Marcações pelo telefone 42378 — Monte Gordo.

Consultório: Rua 10 — Monte Gordo, junto aos apartamentos Monte Sol.

CRÓNICA DE FARO

por JOÃO LEAL

No início de um novo ano

SEMPRE boa altura para reflexão e formulação de propósitos este início de uma nova caminhada na escalada contínua do tempo. Dá-se como que um estímulo para novos cometimentos, ou melhor, para o aparecimento de projectos sob o voto comum de que o novo ano seja sempre mais favorável que o antecedente.

Se nas actuais condições o falar em perspectivas radiosas no que respeita à vivência daqueles que maiores sacrifícios sempre têm suportado não é nada viável, digamos que há projectos em relação ao burgo comum onde vivemos, para os quais existe o voto da sua efectivação.

Faro, capital sulina, que com a desejada autonomia administrativa da região cria maiores responsabilidades, luta com múltiplas carências. Para já, um desejo de todos os farenenses e mais do que isso de quantos se deslocam a esta cidade é que o esventrar das ruas chegue ao seu dobre de finados, que o mesmo é dizer, cessem de vez e devidamente concluídas e operacionais, as obras de saneamento que fizeram de Faro (cidade cujos pavimentos aliás nunca foram famosos), irmã-gemea das metrópoles bombardeadas no conflito de 1939-45, de tão trágica memória. E por uma sequência de ideias formula-se também o voto de que os abastecimentos de água e de electricidade encontrem a necessária regularidade, evitando a multiplicidade de transtornos e incómodos que provocam.

No aspecto assistencial, o arranque do Hospital Distrital, não apenas o edifício, mas a unidade viva, dotada com os imprescindíveis meios humanos e materiais é um desejo que sai da cidade para criar uma expressão regional. E surge também a carência dos infantários e dos jardins-escolas para as classes mais desfavorecidas, mormente para os filhos das famílias que vivem apenas de reduzidos ordenados e são, não raro, as mais numerosas em descendentes.

Será que em 1976 começarão a surgir ali, na mata, junto ao Liceu, os alicerces do jardim-escola, João de Deus, há décadas falado? Pela sua urgente urgência e por quanto representa no campo social aponta-se a plena necessidade de a capital algarvia possuir zonas habitacionais, construídas para efectivamente solucionar o problema das muitas centenas de famílias carecidas. Que uma verdadeira política de habitação social surja é um dos votos que se formula no caminho deste novo ano.

Mas mais do que estas obras ou com elas paralelamente, sem olvidar a questão do ensino médio e universitário (permanentemente na ordem do dia) aponta-se para a total carência de uma vitalização das actividades económicas. O aparecimento de novos postos de trabalho que garantam a cada um o direito ao pão de cada dia e sejam factores de valorização e progresso da região, é fundamental e básico. Sem eles tudo viverá de subsídios e muletas numa imaginativa fantasia que a ninguém, porque a cidade deve ser de todos, pode interessar.

Vende-se Propriedade

Sequeiro, denominada BARROQUEIRA, 15 ha, junto à Estrada, sita em Estiraman-téns, Tavira, c/ alfarrobeiras, amendoiras e oliveiras, sendo parte matosa e tendo uma várzea de 4 ha. Boas perspectivas de pomar numa zona de água.

Trata telef. 96203 de Tavira depois das 18 horas.

Os Correios passam a fechar aos sábados

Do Sindicato Nacional dos Trabalhadores dos Correios e Telecomunicações, recebemos o seguinte comunicado:

Os trabalhadores dos CTT encontram-se, desde Junho de 1974, em luta pelas 40 horas em cinco dias de trabalho semanal. Assim, apesar das intimidações a que foram submetidos, com a colaboração de alguns chefes que se mostraram reaccionários, a grande maioria dos trabalhadores dos CTT, organizados em torno do seu Sindicato, cumpriram a palavra de ordem de fecho no sábado, 3 de Janeiro.

Esta foi uma manifestação maciça da sua vontade, da sua decisão de firmeza, contra todas as demagogias e manobras intimidatórias que procuraram semear entre eles o medo, a divisão e a indecisão.

E de notar que o trabalho ao sábado, economicamente, só resultava em prejuízo da empresa.

Tal como a grande maioria dos trabalhadores portugueses já o faz, os trabalhadores dos CTT deixaram também de trabalhar aos sábados. A partir de agora, pela sua própria vontade e devido à união que souberam construir na luta, os trabalhadores dos CTT trabalham 40 horas por semana.

No próximo sábado estamos encerrados. A partir de agora estaremos sempre encerrados aos sábados. Os serviços essenciais encontram-se assegurados, tal como sempre acontece aos domingos e feriados. Agradecemos também a compreensão e apoio do público.

Demonstre o seu carinho com prendas

«CARAVELA»

CARAVELA

Vila Real de Sto. António

Teatro amador em Portimão

O Grupo de Teatro do Boa Esperança Atlético Clube Portimonense, levou à cena as peças «O meu caso», de José Régio e «O doído e a morte», de Raul Brandão.

Barcos de Recreio

Vende-se 11 barcos pequenos, baratos, em fibra, com ou sem motor.

Travessa Cerro Malpique, 20 — Albufeira — Tel. 52436.



Árvores

de fruto, jardim, avenidas e parques, rigorosamente inspeccionadas e seleccionadas.

Visite-nos e peça catálogo.

VIVEIROS DE CASTROMIL — Cete Telef. 945006
(HÁ QUASE MEIO SÉCULO) (PORTO)

m i d

MAREFA - INTERFORMA

The new form of decoration

uma nova forma de decorar

o SEU APARTAMENTO

— O BOM GOSTO AO SEU ALCANCE —

CANDEIROS * MAPLES * TECIDOS * ALCATIFAS * PAPÉIS
CORTINAS * REVESTIMENTOS * MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Rua Dr. Cândido Guerreiro, 21-B-25-18-A FARO Telef. 24038/9

AGENDA

Ecos

Casamento

Realizou-se na igreja da Sr.ª da Encarnação em Vila Real de Santo António, o casamento da sr.ª D. Célia Maria Brito Baptista, filha da sr.ª D. Fernanda Costa Brito e do sr. António Salvador Baptista, com o sr. João Manuel da Conceição Palma, filho da sr.ª D. Aldomira da Conceição Palma e do sr. João Rodrigues Palma. Apadrinharam o acto, por parte da noiva, a sr.ª D. Josélia Costa Brito e o sr. Alberto Miguel de Brito, e por parte do noivo, a sr.ª dr.ª Isabel Alves Neto de Vilhena Bernardino e esposo sr. dr. Adelino Alberto de Vilhena Bernardino.

Após a cerimónia, foi servido um «copo-d'água», num restaurante de Tavira.

O novo casal fixa residência em Vila Real de Santo António.

Farmácias

DE SERVIÇO

Em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Piedade; e até sexta-feira, a Farmácia Alves de Sousa.

Em FARO, hoje, a Farmácia Higien; amanhã, Graça Mira; domingo, Pereira Gago; segunda-feira, Pontes Sequeira; terça, Baptista; quarta, Oliveira Bomba e quinta-feira, Alexandre.

Em LAGOS, hoje, a Farmácia Ribeiro Lopes; amanhã, Lacobrigense; domingo, Silva; segunda-feira, Neves; terça, Ribeiro Lopes; quarta, Lacobrigense e quinta-feira, Silva.

Em LOULE, hoje, a Farmácia Confiança; amanhã, Pinheiro; domingo, Pinto; segunda-feira, Avenida; terça, Madeira; quarta, Confiança e quinta-feira, Pinheiro.

Em OLHAO, hoje, a Farmácia Pacheco; amanhã, Progresso; domingo, Olhanense; segunda-feira, Ferro; terça, Rocha; quarta, Pacheco e quinta-feira, Progresso.

Em PORTIMÃO, hoje, a Farmácia Rosa Nunes; amanhã, Dias; domingo, Central; segunda-feira, Oliveira Furtado; terça, Moderna; quarta, Carvalho e quinta-feira, Rosa Nunes.

Em TAVIRA, hoje, a Farmácia Central; amanhã, Franco; domingo, Sousa; segunda-feira, Montepio; terça, Aboim; quarta, Central e quinta-feira, Franco.

Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, hoje e amanhã, a Farmácia Carmo; e até quinta-feira, a Farmácia Carrilho.

Cinemas

Em ALBUFEIRA, no Cine-Pax, hoje, «A viúva do diabo»; amanhã, «O padrinho manda matar»; domingo, «O gafanhoto»; terça-feira, «Ras, por quem vamos morrer?»; quarta-feira, «Farillon»; quinta-feira, «Os escândalos da cidade».

MISSA

ÁLVARO MAGNO GUERREIRO
Em Faro, no passado dia 6 do corrente seu filho e nora mandaram celebrar missa por sua intenção precisamente no dia em que o saudoso ente completaria 90 anos.

Em FARO, no Cinema Santo António, hoje, «A espada do sol»; amanhã, em matinée e soirée, «My fair lady»; domingo, em matinée e soirée, «Adolescente perversa»; terça-feira, «A caverna do terror»; quarta-feira, «As rivais»; quinta-feira, «O delicadinho no Oeste».

Em LAGOS, no Teatro Cinema Império, amanhã, «Billy Jack»; domingo, «Contos imorais»; terça-feira, «A máquina do amor»; quarta-feira, «Isabela, duquesa do diabo»; quinta-feira, «As sobrinhas».

Em LOULE, no Cine-Teatro Louletano, amanhã, «O cobra»; terça-feira, «Entre o crime e a lei»; quinta-feira, «O monge».

Em PORTIMÃO, no Cine-Teatro, hoje, «Que fazemos nós no meio da revolução?»; amanhã, «Alta tensão em Nova Iorque»; domingo, «O ABC do amor»; segunda-feira, «Vozes do além»; terça-feira, «Primos carnis»; quarta-feira, «O bom mafioso»; quinta-feira, «Mulheres apaixonadas».

Em S. BARTOLOMEU DE MESSEMINES, no Cine-Teatro João de Deus, amanhã, «O delicadinho na Alemanha»; domingo, em matinée e soirée, «Aquele governanta»; terça-feira, «Quem dispara primeiro»; quinta-feira, «A verdade daquela noite».

Em SILVES, no Cine-Teatro Sil-

vense, amanhã, «Chega-lhe, amigo»; domingo, em matinée e soirée, «O macho e a gatinha»; terça-feira, «A única saída»; quinta-feira, «Adolescente perversa».

Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, no Cine-Foz, amanhã, «O capitão sem barco»; domingo, «As irmãs»; terça-feira, «O monge»; quinta-feira, «Primos carnis».

Lotas

De 23 de Dezembro a 6 de Janeiro
VILA REAL DE STO. ANTÓNIO

TRAINEIRAS:	
Lestia	130 630\$00
Pérola do Guadiana	45 500\$00
Apóstolo S. João	42 720\$00
N. Sr.ª das Salvas	40 420\$00
Flor do Sul	33 400\$00
Vandinha	31 760\$00
Infante	31 050\$00
Conserveira	30 580\$00
Cajú	30 400\$00
Prateada	28 350\$00
Liberta	27 700\$00
Alecrim	14 800\$00
Conceçanita	13 960\$00
Total	501 270\$00

De 19 a 31 de Dezembro
OLHAO

TRAINEIRAS:	
Nova Esperança	66 900\$00
Audaz	38 550\$00
Princesa do Sul	35 250\$00
Pérola Algarvia	15 200\$00
Ponta do Lador	13 075\$00
Arda	10 100\$00
Nova Clarinha	10 090\$00
Farisol	7 880\$00
Estrela do Sul	6 200\$00
Costa Azul	6 200\$00
Ilha de Sonho	6 100\$00
Amazona	3 300\$00
Vandinha	3 290\$00
Estrela Navegantes	2 950\$00
Garotinho	1 780\$00
Total	226 865\$00

De 18 a 27 de Dezembro
QUARTEIRA

Artes diversas . . . 1 118 540\$00

VILA NOVA DE CACELA

Catorze anos de saude



A 12 de Janeiro de 1962 faleceu António Leitão Gonçalves, deixando em angústia seus pais, D. Rosário de Jesus Leitão e António Gonçalves Coelho. Na passagem do 14.º aniversário do seu falecimento continua viva a sua dor.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO

AGRADECIMENTO

LEONILA FLORES SOUSA RIBEIRO

Seu filho e restante família, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente vêm por este meio agradecer reconhecimente a todas as pessoas que se dignaram acompanhar o ente querido à última morada ou de qualquer modo manifestaram pesar pela sua morte.

Vendem - se

Electrodomésticos, bom estado, melhores marcas, motivo retirada.

Ver na Rua 25 de Abril, 22, 1.º dto. — Vila Real de Santo António.

Trespasa-se

Drogaria Rodrigues, em Vila Real de Santo António. Motivo: o seu proprietário não poder estar à frente do negócio. Respostas para Rua José Barão, 15-17 — telef. 388 na mesma vila.

CONSERVAS DE PEIXE



SAIAS, IRMAOS & CIA., LDA.
OLHAO PORTUGAL

TRIBUNA LIVRE

Portugal será efectivamente um país pobre?

(Conclusão da 1.ª página)

ra de melão é feita em regime de sequeiro, enquanto neste caso é em regadio, o que origina despesas com regas, gastos de combustíveis, mais adubos em cada rega, mais mão-de-obra, etc. Como poderá então estar, este melão, sujeito aos preços da área do Ribatejo? Este poderá ser um dos fléus testemunhos de que a Reforma Agrária de uma zona, pode não se adaptar a outra.

Voltando à barragem do Alqueva, que nos serviu de termo de comparação com este caso de Vila-moura, devemos dizer que não nos move qualquer má vontade contra o Alentejo, ou contra o povo alentejano. Simplesmente, não compreendemos como não se aproveita fortunas, que se perdem, gastando ao mesmo tempo, o cérebro às pessoas com casos de singela importância, de rendimentos quase nulos, que mais parecem anedotas.

Estamos a recordar-nos de uma sessão de esclarecimento, ou dinamização, a que assistimos na povoação da Cortelha, em plena Serra do Caldeirão. Nessa sessão, vieram à baila altos conhecimentos militares e civis, referindo-se que, pela falta de água, se optou pelas mini-barragens tipo terra batida, de construção artesanal, para segurar a água nas ribeiras circunvizinhas. Dos locais de construção já não nos recordamos bem, mas situavam-se mais ou menos nestes pontos: Caruncho, na ribeira das Mercês; Quinta, Touriz, Saldaga e Rio Seco, todas elas nas ribeiras dos mesmos nomes.

Ninguém poderia duvidar da sua utilidade, se tudo isto não se quisesse apenas em projecto, para engrandecer a política que então se vivia, ou para tornar viável a Reforma Agrária preconizada. Ou seria para demonstrar àquelas populações que, embora isoladas, não estavam esquecidas?

Ninguém poderá pôr em causa a necessidade absoluta de uma Reforma Agrária nacional, que se

estenda a todos os cantos, mas que nunca deveria ser feita à pressão, aos safanões, estudada e concretizada por inexperientes que, na maioria dos casos, apenas tiveram em vista engrandecer a sua posição pessoal, arrastando para o seu lado as massas trabalhadoras, mas pondo fora de acção pequenos e médios lavradores, caseiros, feitores, etc., de quem muito haveria a esperar para a concretização e evolução da nossa débil agricultura. Ninguém tenha dúvida de que eliminar lavradores, médios ou pequenos, feitores ou caseiros, é desvirtuar a causa agrícola, empurrar o País para maior deficiência alimentar, fomentar o ódio entre os que trabalham ou mandam trabalhar a terra.

A nossa Província não é rica em latifúndios e talvez por isso não tenhamos assistido ao condenável tipo de ocupações selvagens. Existem no entanto algumas quintas pequenas, mas ricas e bem tratadas, e uma delas, a Quinta da Madalena, em Paderne, foi ocupada selvaticamente, logo após o 25 de Abril: os resultados dessa ocupação, no que se refere a maior produção e ao bem-estar dos que nela trabalham, bem poderão servir de modelo a futuras nacionalizações de outras quintas algarvias.

Qualquer quinta bem tratada, em pleno labor produtivo, cujo dono se esforça por uma produção cada vez maior e paga o que é justo aos seus assalariados, não deveria ser nacionalizada e muito menos ocupada selvaticamente. Este é que poderia ser o verdadeiro convite a uma maior produção, o verdadeiro tom de incentivo da Reforma Agrária. Fazer «namoros» a trabalhadores de outras áreas para, em grupo, ocupar a Quinta do Freixo, na freguesia de Alte, só porque esta tem à vista muitos valores a colher de imediato, não é sistema. Incutir isto no espírito do caseiro da quinta situada na freguesia de Alcantarilha, pertencente a Ramiro da Graça Cabrita, só porque «este é rico» e sente orgulho no seu pomar, é contra-indicado. Chamar trabalhadores que nem sequer são da Província para se apoderarem da quinta do Ludo, na freguesia de Almansil, onde o falecido José João Pablos enterrou o que tinha no louvável propósito de fazer ali o melhor pomar daquelas áreas, é um contra-senso.

O Instituto de Reforma Agrária do Algarve poderá ter um louvável papel a desempenhar na Província, inspecionando propriedades, aconselhando os lavradores, caseiros ou rendeiros a ir para a frente no amor próprio à agricul-

(Conclusão da 1.ª página)

fonte de riqueza, exporta-se o seu produto mais valioso, a mão-de-obra. Era a lógica de um governo impotente, incompetente, inerte e corrupto. Era ainda, a um tempo, a facilidade que os mercados do trabalho europeu proporcionavam — a França, a Alemanha, a Bélgica, o Luxemburgo — por não existir nesses países o desemprego.

Agora, os tempos são outros e a crise económica da Europa Ocidental é um facto. A economia destes principais países atravessa uma fase de perigosa recessão. Sendo assim, como se pode procurar a solução dos nossos desempregados através de esquemas do tipo anterior? Pensamos que algo vai mal, neste País! Não há perspectivas novas, dinâmicas, revolucionárias. Voltaremos a cair no fatalismo cinquentário? Será que não há forças para despertar, para reactivar, para reconverter, em suma, para levar à participação amplas camadas da população, no sentido de encetarmos uma verdadeira política de independência nacional? Independência nacional que passa, necessariamente, pelo desenvolvimento das riquezas do mar, da agricultura, dos rios, do subsolo, da imaginação criadora, da força das mãos e dos braços de todos os cidadãos trabalhadores?

Ouvimos e vimos recentemente o secretário de Estado da Emigração e eis que, no fundo, o tema é o mesmo de colegas anteriores: emigrar! E manter os que lá estão!

Ficamos perturbado. Interrogamo-nos: será que estamos enganados e descrentes? Mas já não há esperança?! Não! Repudiamos as descrenças e as desesperanças. Este país não é um país pobre! É um país rico que, bem trabalhado, bem repartidinho, dá muito que fazer, dá muito para distribuir por todos os portugueses, com dignidade e com humildade revolucionária. Estamos convicto e por isso dizemos: há muito que dar e receber. Então que nos falta? O que é preciso fazer para encetarmos uma autêntica política de independência nacional? Poderemos encetar este caminho com verdadeiro sentimento nacional (não confundir com nacionalismos)? Como? É uma pergunta pertinente, cuja resposta não cabe já neste artigo.

José L. Santos

Reunião de empregadas domésticas em Lagos

Realizou-se em 3 deste mês, no salão nobre da Câmara Municipal de Lagos, uma reunião do Sindicato Livre de Empregadas Domésticas, sendo eleitos os seguintes cinco membros que formam a comissão de admissão:

Presidente, Rosa Maria Oliveira Pacheco Marreiros; secretária, Glória do Carmo Gonçalves; tesoureira, Maria Natália Conceição Rio; vice-secretária, Idália Alvaro Serocheno e vice-tesoureira, Dorilda Lopes.

As empregadas pedem-nos para exprimir o seu reconhecimento ao presidente da Comissão Administrativa da Câmara, sr. Elói Correia, pela cedência da sala, e apelam para alguém de boa vontade que tenha um armazém, garagem ou casa fechada e possa cedê-la temporariamente, para que a sua delegação possa trabalhar em melhores condições.

ESTORES

Fazem-se e reparam-se estores em madeira, metálicos e plásticos.

Trata: Gavino Simões — Rua D. Francisco Gomes, 37-3.º Esq. — Telef. 393 — Vila Real de Santo António.

Vende-se

Lavandaria em Vila Real de Santo António, com garantia de ensinar todos os segredos técnicos e organização da mesma. Resposta à Lavandaria Dragão, Rua José Barão, 50 ou pelo telefone 358 na referida vila.

tura. Os delegados sindicais, terão igualmente que não descurar do nosso amanhã alimentar, sem no entanto, descurar os justos interesses dos seus sindicalizados. Mas tudo isto deverá funcionar independentemente da política, que nunca deve ser confundida com a agricultura.

Mamuel Faria

Trespassa-se

MERCEARIA

Bem localizada. Frente ao novo Mercado de Monte Gordo. Motivo não poder estar à testa. Trata no próprio local — Telefone 42408.

JANELA DO MUNDO

(Conclusão da 1.ª página)

volução Árabe e, no dia seguinte tinham um avião ao seu dispor que os transportava a todos (assaltantes e reféns) numa digressão pelos países árabes onde os ministros foram restituídos aos respectivos governos.

Terminou, assim, numa espécie de «tournee» festiva e folclórica, esta acção espectacular e criminosa, que não teve outro objectivo senão chamar a atenção do Mundo para os acontecimentos no Médio-Oriente. No entanto, houve três mortos, vários governos foram ofendidos e passa-se impunemente uma esponja sobre o acontecimento.

Efectivamente, não deixou de haver protestos a nível internacional, mas de um dia para o outro — tão rapidamente como o caso se resolveu — também foi arquivado. É trágico mas é assim. Estes casos tornam-se quase banais. Aliás, até em Lisboa, ainda há pouco tempo, todo um governo esteve sequestrado por um grupo de trabalhadores e daí a uma semana já nem se falava no caso.

Não há dúvida que é tudo uma questão de tempo em que vivemos. Vai longe a época em que mesmo, aqui, em Portugal, um desvio de avião dava assunto para muitos dias de jornais, o mesmo se passando com os famigerados «piratas do ar» no estrangeiro. Agora parece não impressionar ninguém, nem cá nem lá. E tudo se passa como um autêntico «fait divers», mais ministro menos ministro, mais tiro menos tiro, mais terrorista menos terrorista. E, no entanto, todos estamos conscientes de que é necessário fazer alguma coisa, decidir algo, decerto a nível internacional contra o terrorismo desenfreado que ganha particular expressão no mundo árabe.

Destá vez, até se chegou à conclusão de que metade do comando de Viena era constituído por europeus, decerto mercenários que receberam bom dinheiro para participar no golpe. E assim vai o Mundo: terroristas de aluguer para desferir golpes em qualquer ponto do globo e uma organização onde estão representados os países, que não toma providências para o evitar. E que — o que é muito pior — não tem ao seu dispor um departamento reconhecido internacionalmente que julgue casos deste género que acabam por afectar os homens em qualquer ponto do Globo.

Mateus Boaventura

Perfumarias Lourdete

Comércio de Perfumarias nacionais e estrangeiras com vendas directas ao público ao prego de fábrica e

Grande variedade de artigos de brinde e brinquedos

Sede: Rua do Alportel, n.º 1 e 3

Telef. 23382

F A R O

Sucursal: Rua Horta Machado, 21-A — Faro

FACTOS E IMAGENS

(Conclusão da 1.ª página)

por vezes pensáramos, em dias dos anos velhos.

Em Faro, foi um problema para sairmos da cidade. Dir-se-ia que quem ali superintende nas coisas do trânsito, não queria, por força, que nos desenvencilássemos das covas nas ruas e dos constantes solavancos, sem um sinal amigável, nos momentos críticos, a aconselhar-nos o caminho. Mas saímos e a paragem imediata foi em Vila-moura, mais propriamente na marina. Lá vimos muito feito, muito por fazer, umas dúzias de iates atracados no lugar próprio, tudo tratado com requintes que devem custar rios de dinheiro. E logo nos ocorreu o campo oposto: os portos algarvios que pedem insistentemente e quantas vezes sem resultado, algum apoio, traduzido em

dragagens e assistência, para que os pescadores e as populações consigam dar melhor rumo às suas vidas.

Várias aldeias corremos, umas turísticas, outras não, e nas primeiras vimos que o dia da festa (ou a festa do dia) estava a dar algum fruto: era já tarde e em bichas, relativamente extensas, aguardava-se ainda a vez para o almoço, mesmo com os preços das ementas alterados à pressa (em alguns casos), quase para o dobro.

Também fomos almoçar e suportámos, resignado, o olhar furibundo que nos deitaram os dois empregados do restaurante a que aportámos, em Albufeira, enquanto ouviamos alguns apertados a propósito. Mas o resto correu bem, após mais de uma hora de espera (quem te mandou ser bruto e sair de casa em dia de apertados?)

E pena que no Inverno, nas zonas ditas turísticas, não haja mais dias de Natal e de Ano Novo, para movimentar o que disso bem precisa. Pensamos porém que em anos próximos, uma estruturação do turismo, mais de acordo com as realidades e considerando o que está feito, obviaria a grande parte dos males que o Inverno sem turismo ainda oferece, transformando em certezas os «remendos» de agora.

Após o tardio almoço, fomos de fugida, à prata da Oura, outro «centro» que se ressentiu do ocasional excesso e onde alguns estrangeiros (eles e elas), aproveitavam a placidez da tarde, em calções, biquínis ou combinações, que o calor agradava e nem todos se tinham prevenido. Esta Oura deve ser o local algarvio onde o turismo e as actividades locais melhor se entendem, já que os turistas circulavam, ou descansavam, num espaço relativamente curto, entre as dezenas de barcos de pesca que nas areias da praia aguardariam a hora da faina.

No regresso, tivemos de novo, aumentado, o pesadelo das ruas de Faro, sem sinais que nos cruzamentos críticos nos ajudassem. Em Olhão, «apanhou-nos», na estrada o fim do jogo de futebol, de homenagem ao desportista Reina, que ao campo levou muita gente e muitas viaturas, cujo des congestionamento tivemos de aguardar. Respirámos fundo ao ver-nos livres de apertados, mas dentro em breve cámos noutros, bem piores.

Não estamos certo se terá muita sorte, ou pouca sorte, a populosa Luz de Tavira, pelo facto de a sua rua principal ser uma fracção da Estrada Nacional 125. Pouca sorte, decerto, têm os que por ali passam, em veículos, nos dias de festa rija, como agora nos sucedeu. O concurso de charolas estava no auge, eram milhares de pessoas na rua-estrada, onde, para mais «ajudas», outros veículos, estacionados, ocupavam os dois lados, e houve que ir «na onda» durante mais de uma hora, em que muito se notou a falta de quem ajudasse a coordenar o trânsito. Ficou-nos, porém, a «grata» certeza de que para o ano, se não for diferente será igual, certeza que já muito antes tínhamos adquirido ao passar — e parar — na Luz, em plena estrada nacional, devido, salvo erro, a umas corridas ciclistas trapalhonas, organizadas por alturas de Carnaval. Felizmente não havia doenças, ou outros motivos de urgência, na nossa «companhia», mas estes eventuais factores deveriam ser considerados por quem de direito, inclusive pelos organizadores das festas, porque o corte, durante largo tempo, de uma via de comunicação importante, se para uns é alegria, para outros pode redundar em tragédia.

E assim terminou esta nossa digressão de Ano Novo, em que, afinal, pouco vimos, mas alguma coisa aprendemos.

F. Gomes

JORNAL DO ALGARVE N.º 981 — 9-1-976

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Anúncio

2.ª PUBLICAÇÃO

Faz-se saber que na Acção Ordinária N.º 61/75 pendente no Tribunal Judicial desta comarca, movida pela Autora FOMENTO INDUSTRIAL E AGRÍCOLA DO ALGARVE, LDA., com sede em FARO, contra o Réu JOAQUIM DE OLIVEIRA PALHA, casado, industrial, residente em parte incerta, com última residência conhecida em MONTE FINO desta comarca, é este réu citado para contestar, apresentando a sua defesa no prazo de VINTE DIAS, que começa a correr depois de finda a dilação de TRINTA DIAS, contada da data da segunda e última publicação do presente sob a cominação de vir a ser condenado no pedido que o autor deduz naquele processo e que consiste em a Autora ter-lhe vendido um automóvel, duas carrinhas e um camion, com reserva de propriedade, em estado novo, com as seguintes matrículas: CF-54-57, Cortina 1300 2 Portas, em 17-7-73; GC-81-83 Transit 100 Van Diesel, em 15-11-72; AE-34-77, Transit 100 DST 9 lugares, em 10-4-73; e um Camion Ford CA-76-79 modelo 1010 em 2-8-73, respectivamente devendo o Réu à Autora a quantia de 360 104\$70, resto do preço da compra das viaturas, tudo representado por treze letras aceites pelo citando e não pagas.

É o mesmo Réu citado para confessar ou negar a assinatura aposta nas letras juntas ao processo.

Vila Real de Santo António, 20 de Dezembro de 1975

VERIFIQUEI:

O Juiz de Direito,

a) Francisco C. Fidalgo

O Escriurário,

a) José Manuel L. Guerreiro

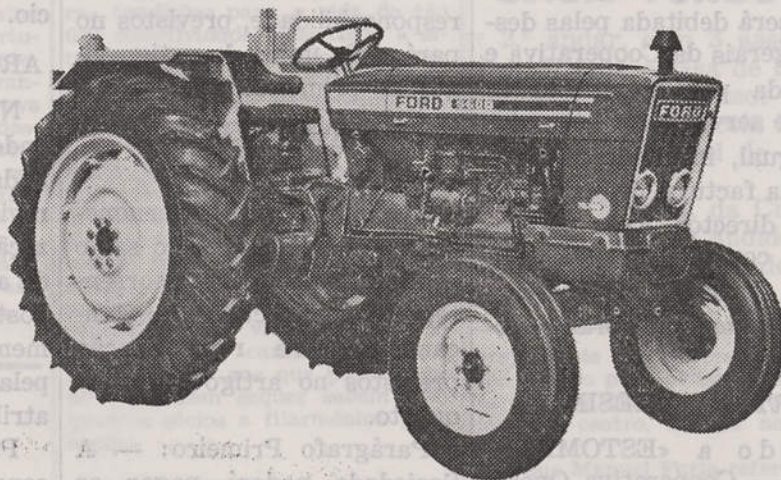
Novos Tractores FORD. Alguns factos sobre os novos números

Os factos

A nova gama de tractores Ford conseguiu ultrapassar as nossas próprias exigências. (Ao verificar a tabela ao lado, verá como o novo 5.600 completa o leque de potências). Repare no sistema hidráulico. Maior potência e melhor controlo! Nova concepção da cabeça dos cilindros — mais suavidade e maior rendimento do motor. Fomos muito exigentes. Não poupámos esforços. Fizemos tudo para elevar ao máximo os aperfeiçoamentos de toda a gama. Apenas um pequeno pormenor. Tivemos o cuidado de manter tudo aquilo de que gostava nos tractores Ford. Exactamente como V. preferia.

Os números

ANTIGOS	NOVOS	HP (DIN)
2000	2600	38
3000	3600	47
3055	4100	54
4000	4600	60
5000	5600	67
7000	6600	77
7000	7600	94
8600	8600	118
9600	9600	138



NOVOS TRACTORES FORD CONCEBIDOS PARA MERECEER A SUA CONFIANÇA.



Concessionários de tractores FORD

FOMENTO INDUSTRIAL E AGRÍCOLA DO ALGARVE, LDA. Largo do Mercado, 2 a 12 - Telef. 23061/4 - FARO Filial em PORTIMAO - Largo do Mercado de Gado - Telef. 22107

Carro

Compra-se pequeno p/ trabalho s/ entrada, dar mil escudos p/ mês.

Resposta a este jornal ao n.º 21/76.

Certifico que por escritura de 18 de Outubro de 1975, exarada de fls. 83 a fls. 90 v.º no livro de notas A-54, do Cartório Notarial de Lagoa-Algarve, a cargo da Licenciada Catarina Maria de Sousa Valente, Francisco Jorge Dias, Lerenó Félix Varela da Silva, João António da Luz Santos, António José de Jesus Martins, Fernando Eduardo dos Reis Ramos, Analídio Baptista da Silva, Gabriel Gomes Cabrita, José António da Silva, Manuel Apolinário e Álvaro Gonçalves Mendes, constituíram sob a forma de sociedade anónima uma sociedade cooperativa, nos termos constantes dos artigos a seguir fotocopiados:

CAPÍTULO I

DENOMINAÇÃO, SEDE, DURAÇÃO E OBJECTO

ARTIGO PRIMEIRO

É constituída e rege-se-á pelos presentes estatutos uma cooperativa operária de produção, sob a forma de sociedade cooperativa anónima de responsabilidade limitada, que se denominará «ESTOMBARCOOP — Cooperativa Operária de Construção Civil» e durará por tempo indeterminado a contar de hoje.

ARTIGO SEGUNDO

A Cooperativa tem a sua sede em Aldeia da Bela Vista, com domicílio na Rua 3, freguesia de Estômbar, deste concelho.

Parágrafo Primeiro: — A sociedade poderá estabelecer sucursais ou quaisquer outras instalações fora da sede, de acordo com as suas necessidades.

Parágrafo Segundo: — Só poderá ser alterado o domicílio da sede social, por decisão da Assembleia Geral.

ARTIGO TERCEIRO

O objecto social é o exercício de actividades relativas a construção civil, assim como quaisquer outras, que no seu desenvolvimento, a Cooperativa delibere abarcar.

CAPÍTULO II

CAPITAL E ACÇÕES

ARTIGO QUARTO

O capital social, no valor mínimo de mil escudos já realizado, é variável, ilimitado e representado por acções nominativas de cem escudos cada uma.

ARTIGO QUINTO

Cada sócio só poderá subcrever uma acção.

CAPÍTULO III

CANDIDATOS A SÓCIOS, SÓCIOS E RELAÇÕES ECONÓMICAS

ARTIGO SEXTO

Considera-se sócio da Cooperativa, todos e quaisquer indivíduos, que como tal sejam admitidos pela Assembleia Geral.

ARTIGO SÉTIMO

Poderão trabalhar no âmbito da Cooperativa, produtores não sócios, que serão considerados candidatos a sócios, não dispondo de direito de voto em Assembleia Geral.

Parágrafo Primeiro: — Aos candidatos a sócios, do ponto de vista da sua inserção produtiva e económica na Cooperativa, aplicam-se todas as disposições referentes aos sócios.

Parágrafo Segundo: — Nenhum candidato a sócio, poderá exercer actividade pro-

ESTOMBARCOOP - COOPERATIVA OPERÁRIA DE CONSTRUÇÃO CIVIL, S. C. A. R. L.

ductiva na Cooperativa, sem se tornar sócio, passado um mês de candidatura.

ARTIGO OITAVO

O direito de voto em Assembleia Geral, é reservado aos sócios que exercem actividade produtiva na Sociedade.

Parágrafo Primeiro: — É suspenso o direito de voto em Assembleia Geral, aos sócios que estejam há mais de dois meses sem actividade produtiva, na Sociedade.

Parágrafo Segundo: — A actividade produtiva demonstrar-se-á, pela existência de créditos, provenientes da produção.

ARTIGO NONO

Os sócios da Cooperativa, na medida em que exerçam actividade produtiva regular na Sociedade, não poderão trabalhar em regime livre, ou seja, por sua conta e iniciativa, fora do âmbito da Cooperativa, exceptuados porém, os empregos em empresas públicas ou privadas, onde prestam serviços.

Parágrafo único: — Os sócios com actividade produtiva regular na Sociedade, obrigam-se a realizar através desta, todo o trabalho que possam angariar.

ARTIGO DÉCIMO

Os produtores da Cooperativa, sócios e candidatos, serão creditados pela sua produção nas obras e serviços em que intervierem, na base dos valores remanescentes dessas obras e serviços, uma vez deduzidos os seus custos directos e os custos indirectos estimados.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO

Os critérios de distribuição dos valores remanescentes indicados no artigo anterior, serão acordados entre os produtores dessas obras e serviços, entre os elementos de um sector ou, na ausência de acordo, por decisão da Direcção da Sociedade ou da Assembleia Geral.

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO

Uma percentagem dos créditos provenientes da produção, será deslocada, para uma conta de fundos sociais — Fundo Associativo — conta que, para efeitos estatísticos, terá desdobramento nominativo. Esta conta, constitui o suporte de toda a capacidade de investimento e liquidez da Sociedade.

Parágrafo único: — Essa percentagem, será fixada em Assembleia Geral e só poderá ser alterada por decisão da Assembleia Geral.

ARTIGO DÉCIMO TERCEIRO

O remanescente dos créditos provenientes da produção de sócios e candidatos, uma vez cativada a percentagem para fundo associativo, será transferido para contas correntes, nominativas de sócios e candidatos.

ARTIGO DÉCIMO QUARTO

Os levantamentos dos sócios e candidatos, por via da sua produção no âmbito da Cooperativa, processar-se-ão por débito da conta indicada no artigo anterior.

ARTIGO DÉCIMO QUINTO

Os produtores da Cooperativa eleitos para os corpos gerentes e que nestes, pelas necessidades do conjunto, não possam intervir na produção directa, serão creditados por importâncias equivalentes à média dos Créditos dos mais qualificados de todos os produtores directos.

Parágrafo único: — Essa percentagem será definida pela Assembleia Geral.

ARTIGO DÉCIMO SEXTO

Os produtores da Cooperativa que trabalham nos serviços administrativos ou outros pontos de apoio indirecto à produção, serão creditados por importâncias de que resultem levantamentos cuja relação com os ordenados previstos no Contrato Colectivo de Trabalho para a categoria profissional correspondente, respeitem a relação existente entre os levantamentos médios dos produtores directos e os ordenados previstos no Contrato Colectivo de Trabalho da categoria profissional destes.

ARTIGO DÉCIMO SÉTIMO

Os sócios e candidatos com actividade produtiva regular na Sociedade, poderão efectuar levantamentos mensais por débito de conta corrente, na base média dos créditos mensais disponíveis durante doze meses ou número de meses a acordar.

Parágrafo Primeiro: — Resultando do jogo das médias, a acumulação de saldos positivos ou negativos na conta corrente, a média aritmética será efectuada por percentagens corretoras.

Parágrafo segundo: — A Direcção da Cooperativa, poderá tomar medidas para a suspensão dos levantamentos por média, caso uma baixa de produção avolume um saldo negativo.

ARTIGO DÉCIMO OITAVO

Os custos directos das obras e serviços, no caso de os consumos de materiais passarem por armazém, serão, caso necessário, arbitrados pela Direcção da Cooperativa.

Parágrafo único: — Caso se verifiquem, em armazém, saldos contabilísticos superiores aos de inventário físico, a Direcção da Cooperativa poderá mandar debitar o diferencial aos produtores responsáveis por esses armazéns.

ARTIGO DÉCIMO NONO

A Cooperativa terá uma conta de Flutuação de Custos Indirectos da produção. Esta conta será debitada pelas despesas gerais da Cooperativa e creditada por imputação às obras e serviços em percentagem igual, incidindo sobre o valor da factura, deduzidos os custos directos. Essa percentagem constituirá uma estimativa de incidência dos custos indirectos nas obras e serviços.

ARTIGO VIGÉSIMO

Sendo a «ESTOMBARCOOP — Cooperativa Operária de Construção Civil, S. C. A. R. L.», uma cooperativa de produção em que a cobertura das despesas gerais e a capacidade de suportar investimentos provêm da produção,

tem a Direcção da Cooperativa obrigação de zelar para que cada um dos produtores da Cooperativa assegure, com a sua produção, a cobertura dessas despesas e a formação desse suporte. A Direcção da Cooperativa deverá, em função das necessidades do conjunto, exigir como contrapartida do direito de trabalhar no âmbito da Cooperativa, uma quota mínima de produção.

ARTIGO VIGÉSIMO PRIMEIRO

Sendo a «ESTOMBARCOOP — Cooperativa Operária de Construção Civil, S. C. A. R. L.», uma cooperativa de produtores em regime livre, mas arrastando a produção de cada um, consequências sobre o conjunto, deverá a Direcção da Cooperativa zelar para que a actuação produtiva de cada um dos elementos não comprometa o conjunto.

Parágrafo único: — Cada produtor é responsável pelos prejuízos que provoque, em obras ou equipamento, nas instalações. Esses prejuízos poderão ser debitados aos responsáveis.

ARTIGO VIGÉSIMO SEGUNDO

O sócio ou candidato que deseje exonerar-se da Sociedade, tem o direito de fazê-lo, sendo o acerto de contas efectuado em relação ao fim do ano social em que ocorrer essa exoneração.

ARTIGO VIGÉSIMO TERCEIRO

Só a Assembleia Geral tem poderes para exonerar um sócio ou candidato. A direcção da Cooperativa poderá suspender um sócio ou candidato, mas a decisão de exonerar terá de ser ratificada em Assembleia Geral.

ARTIGO VIGÉSIMO QUARTO

Ao sócio ou candidato exonerado serão lançados em conta, além de créditos de produção, eventualmente ainda não contabilizados:

Primeiro: — A sua quota parte no saldo da conta de Flutuação de Custos, segundo o balanço do último ano em que desenvolveu actividade produtiva no âmbito da Cooperativa, em função da sua quota parte no Fundo Associativo acusado nesse mesmo balanço.

Segundo: — A sua quota parte nos saldos previstos no parágrafo único do artigo décimo oitavo, nos armazéns em que seja responsável.

Terceiro: — Prejuízos de sua responsabilidade, previstos no parágrafo único do artigo vigésimo primeiro.

ARTIGO VIGÉSIMO QUINTO

O sócio ou candidato exonerado, poderá levantar o saldo a seu favor em conta-corrente, uma vez efectuados os lançamentos de regularização previstos no artigo vigésimo quarto.

Parágrafo Primeiro: — A Sociedade poderá pagar as verbas indicadas no corpo deste artigo, em prestações que não excedam a média mensal dos créditos disponíveis resultantes da produção do sócio exonerado, durante os últimos

três anos de actividade de sócio ou candidato.

Parágrafo Segundo: — O sócio ou candidato exonerado cuja conta-corrente se apresente devedora, poderá pagar esse débito em prestações equivalentes às indicadas no parágrafo anterior.

Parágrafo Terceiro: — Cada uma das prestações referidas nos dois parágrafos anteriores, terá o vencimento, sucessivamente, no último dia dos meses subsequentes à exoneração se tornar efectiva.

ARTIGO VIGÉSIMO SEXTO

Uma percentagem dos Fundos Associativos, formados durante o exercício e a totalidade dos Fundos Associativos dos elementos exonerados, reverterão a favor de um organismo representativo de cooperativas de produção, em que a ESTOMBARCOOP esteja filiada.

Parágrafo Primeiro: — Essa percentagem será definida em Assembleia Geral.

Parágrafo Segundo: — As condições de utilização dos fundos por essa via formados, serão ajustadas entre as cooperativas que integram nos estatutos esta norma de tratamento dos Fundos Associativos.

CAPÍTULO IV

ADMINISTRAÇÃO E FISCALIZAÇÃO

ARTIGO VIGÉSIMO SÉTIMO

A administração e representação da sociedade, são confiadas a uma direcção, composta por um mínimo de cinco membros, eleita anualmente pela Assembleia Geral.

Parágrafo Primeiro: — A Assembleia Geral elegerá de entre os membros da Direcção, um Presidente ou Director Geral.

Parágrafo Segundo: — A Direcção reunirá obrigatoriamente, uma vez em cada mês e sempre que seja convocada pelo seu Presidente, quer por iniciativa própria, quer a pedido de qualquer dos Directores ou do Conselho Fiscal.

Parágrafo Terceiro: — As deliberações da Direcção só podem ser tomadas, com a presença pessoal da maioria dos seus membros.

ARTIGO VIGÉSIMO OITAVO

A sociedade fica obrigada pelas assinaturas de dois Directores.

Parágrafo único: — A Direcção poderá outorgar procuração a qualquer outro sócio.

ARTIGO VIGÉSIMO NONO

Na ausência de organismo, onde a Cooperativa esteja filiada, e que detenha a função revisora de contas, a fiscalização da Sociedade, é confiada a um Conselho Fiscal, composto por um mínimo de três membros, eleitos anualmente pela Assembleia Geral, com as atribuições legais.

Parágrafo único: — Este conselho fiscal, reunirá, obrigatoriamente, uma vez por trimestre e sempre que o respectivo presidente o convocar, quer por iniciativa própria, quer a pedido dos demais membros, quer a pedido da Di-

recção ou de qualquer dos membros desta.

CAPÍTULO V

ASSEMBLEIA GERAL

ARTIGO TRIGÉSIMO

As assembleias gerais realizar-se-ão, normalmente na sede social ou em local a indicar na convocatória e situado no mesmo concelho. Serão convocadas com a antecedência de quinze dias, devendo mencionar-se o objecto da reunião.

ARTIGO TRIGÉSIMO PRIMEIRO

A mesa da Assembleia Geral compõe-se de um Presidente e dois Secretários, eleitos anualmente.

ARTIGO TRIGÉSIMO SEGUNDO

A Assembleia Geral, reunir-se-á ordinariamente uma vez em cada ano, no primeiro trimestre, para apreciação do balanço e contas do exercício anterior, eleição dos corpos gerentes, movimento de sócios e qualquer outro ponto previsto na ordem de trabalhos da convocação.

ARTIGO TRIGÉSIMO TERCEIRO

A Assembleia Geral Extraordinária, reunir-se-á sempre que a Direcção, o Conselho Fiscal ou, pelo menos, vinte e cinco por cento dos associados, com um mínimo de cinco elementos, solicitem do Presidente a sua convocação, com a indicação precisa do objecto da reunião.

Parágrafo único: — Só podem convocar a Assembleia Geral Extraordinária, os sócios com direito a voto.

ARTIGO TRIGÉSIMO QUARTO

Os sócios poderão fazer-se representar por outro sócio, junto da Assembleia Geral, mediante simples carta dirigida ao Presidente da Mesa.

ARTIGO TRIGÉSIMO QUINTO

Quando, à hora designada no aviso convocatório, não estiver reunida a maioria do número de sócios, com direito a voto, a Assembleia funcionará sessenta minutos depois, seja qual for o número de presentes.

CAPÍTULO VI

DISSOLUÇÃO, LIQUIDAÇÃO E DISPOSIÇÕES GERAIS

ARTIGO TRIGÉSIMO SEXTO

É permitida a reeleição, por uma ou mais vezes, para todos os cargos sociais.

ARTIGO TRIGÉSIMO SÉTIMO

Em caso de dissolução, os bens e valores sociais remanescentes da liquidação, serão entregues a um organismo que represente cooperativas de produção em que a «ESTOMBARCOOP» esteja filiada, ou, na sua ausência, a cooperativas de Produção que respeitem a mesma norma destes estatutos.

Parágrafo único: — A dissolução não se efectuará desde que, dez sócios a isso se oponham e decidam continuar com a Cooperativa.

Está conforme o original.

Cartório Notarial de Lagoa, 29 de Dezembro de 1975.

A 2.ª Ajudante,

a) Maria José Correia Bravo

Actualidades desportivas

FUTEBOL

Campeonatos Nacionais

I DIVISÃO

Comentários por João Leal

Surpresa quanto ao desfecho registado em São Luís, só existe para quantos não apreciaram a partida entre as turmas de Faro e de Alcântara, um prémio fértil em golos e cujo desfecho coloca os primodivisionários algarvios em situação inquietante. E que o favoritismo em certa medida dado aos donos da casa, foi totalmente anulado pela garra e estratégia manhosas dos visitantes, que souberam explorar da melhor maneira os «calcanhares de Aquiles» dos «leões» de Faro, sendo eles, com uma juventude irreverente, os autênticos leões. Com dois dianteiros (Avelar e Guerreiro) e o apoio contínuo de Baltazar, os homens de Alcântara destroçaram o reduzido defensivo dos algarvios. Por outro lado, as substituições verificadas no Farense e que várias críticas suscitaram, não deram os frutos pretendidos. Registe-se ainda que o Atlético passou da situação de 0-1, registada logo aos 6 minutos para a posição de vencedor, que soube e pôde manter ao longo dos restantes 84 minutos. Vitória certa da turma de Carlos Silva, a premiar a objectividade dos seus infantos.

O Farense recebe amanhã o Estoril, equipa com um campeonato muito regular. Prémio naturalmente difícil como o começam a ser todos para os algarvios, espera-se que nele a turma mostre aquilo que efectivamente vale.

II DIVISÃO

Mercê da pesada punição sofrida em Évora o Portimonense cedeu o comando a um único «leader», o Caldas. O Juventude eborense, em tarde de franca inspiração, obteve meritório êxito, não compatível, contudo, com o que efectivamente aconteceu no Campo Sanches Miranda. Derrotar o guia é estímulo, sempre, para qualquer turma e os homens da cidade-museu sentiram e aproveitaram bem esse estímulo.

O campeonato permanece, contudo, ao cabo desta 1.ª volta, cheio de interesse e isto porque apenas 5 pontos separam o 1.º do 12.º classificado. Em Lagos, o Esperança justificou a vitória, em especial por aquilo que realizou no 1.º tempo. Então os barlaventinos houveram-se com determinação e empenho, obtendo dois golos. A vitória seria robustecida com um terceiro tento, quando o jogo se aproximava do fim e de novo o Esperança se guindara a bom plano.

Por um tento solitário, o Olhanense perdeu em Santarém, frente ao União. Em encontro de fraco índice técnico, mais uma vez se evidenciou a falta de marcadores no onze de Olhão. A defensiva houve-se em pleno, mas não lhe cumpre também marcar os golos. Amanhã, a jornada inclui um

CLASSIFICAÇÕES

I DIVISÃO

Boavista	26	pontos
Benfica	25	»
Sporting	23	»
Belenses	21	»
V. de Guimarães	19	»
F. C. do Porto	17	»
Atlético	15	»
Estoril	15	»
Leixões	13	»
Sp. de Braga	12	»
V. de Setúbal	10	»
CUF	10	»
União de Tomar	10	»
Farense	9	»
Beira-Mar	8	»
Académico	7	»

II DIVISÃO — Zona Sul

Caldas	21	pontos
Portimonense	20	»
Montijo	20	»
Olhanense	18	»
Juventude	17	»
Marítimo	16	»
Barreirense	16	»
Est. Portalegre	16	»
Oriental	16	»
Esp. Lagos	16	»
Peniche	16	»
Almada	16	»
Torriense	14	»
Sintrense	14	»
Sesimbra	12	»
U. Leiria	12	»
U. Santarém	12	»
União Sport	11	»
Lusitano	10	»
Torres Novas	7	»

III DIVISÃO — Série D

Vasco da Gama	24	pontos
Sacavenense	22	»
Desp. Beja	20	»
S. L. Olivalis	19	»
C. Caparica	18	»
Odemirense	17	»
Seixal	17	»
U. Santiago	17	»
Quarteirense	17	»
Alcochetense	16	»
Lusitano V. R.	15	»
Amora	14	»
V. Novas	13	»
Luso	12	»
C. Piedade	12	»
Moura	11	»
Casa Pia	10	»
Rosarense	10	»
Sambrazense	9	»
Paio Pires	7	»

«derby» regional, a disputar no Estádio Padinha, em Olhão, entre as equipas do Olhanense e do Esperança. Prevê-se partida equilibrada e com evidente interesse. O Portimonense, ao receber o Sintrense, é franco favorito.

III DIVISÃO

Invictas, nesta 15.ª jornada, as três formações algarvias. O Sambrazense derrotou o Alcochetense, averbando a sua 2.ª vitória, que desejamos constitua prenúncio para novos cometimentos e consequente melhoria da classificação. O Lusitano registou nova vitória e está em situação tranquila, a meio da tabela. O resultado diz das dificuldades que pairaram no Campo Francisco Gomes Socorro. O Quarteirense cedeu um empate frente ao Amora, mas a turma não conheceu problemas classificativos (8.ª posição).

Amanhã, o Quarteirense (17 pontos) desloca-se a Paio Pires para defrontar a turma local que, com 7 pontos, é o lanterna vermelha da zona D. O Lusitano (15 pontos) actua em Alcochete (16 pontos), em partida que se prevê equilibrada. Partida também equilibrada se antevê entre o Rosarense (10 pontos) e Sambrazense (9 pontos).

JUNIORES

O São Luís foi buscar um meritório empate a Coimbra, frente ao União, permitindo-lhe o amealhar de um ponto oportuníssimo. O Farense foi perder a Peniche e está agora na penúltima posição. A 13.ª jornada inclui os jogos Farense-Sporting e São Luís-Atlético. Favoritismo para os «leões» de Lisboa e também para os azuis e brancos de Faro.

BASQUETEBOL

EQUIPAS ALGARVIAS NA TAÇA DE PORTUGAL

No pavilhão gimnodesportivo de Faro, disputou-se a 2.ª eliminatória da Taça de Portugal, registando-se vitórias das equipas algarvias, que assim garantiram a continuidade das suas presenças na competição. Os resultados verificados foram: Farense, 70 — Rio Seco, 52; Olhanense, 57 — Emp. Comércio de Santarém, 52 e Os Olhanenses, 89 — Nacional, 84.

PESCA DESPORTIVA

ACTIVIDADES DO C. A. P. DE OLHÃO

No molhe leste da barra do porto comum de Faro-Olhão, decorreu a prova Encerramento, organizada pelo Clube dos Amadores de Pesca de Olhão e que teve a seguinte classificação: 1.º, João Pereira Leonardo, 4 600 pontos; 2.º, Eduardo Guela, 3 525; 3.º, António Luciano Graça, 2 825 (todos do Clube dos Amadores de Pesca de Olhão); 4.º, Mário Militão, 2 750 pontos; 5.º, António Nogueira, 2 400; ambos do Náutico do Guadiana.

O maior exemplar, um sargo com 1 525 gramas, foi capturado por Mário Militão. Em Olhão decorreu uma festa de confraternização para distribuição dos prémios dos vários concursos organizados pelo C. A. P., os quais tiveram também a participação de elementos do Náutico do Guadiana. Foi designado como o melhor pescador do ano, Celestino Martins, ficando em 2.º lugar Eduardo Pedada Guela e em 3.º João Pereira Leonardo. Ao sócio Salvador Estrela, foi atribuído o troféu «Peixe Anual», pois capturou uma anchova com 6,300 kgs. No decurso da confraternização usaram da palavra os dirigentes João Gaiyota e Eduardo Pires.

Redução das tarifas da BEA para Portugal

No momento em que se trabalha no relançamento do turismo português, apresenta-se de grande interesse a notícia divulgada pela France Press de que a British Airways reduzirá a partir de 1 de Abril deste ano as suas tarifas para Portugal e Espanha. Essas reduções serão da ordem dos 65%, mas têm ainda de ser aprovadas pelo governo inglês.

Recordamos que a British Airways mantém durante todo o ano voos regulares entre Londres e Faro.

Cultura popular na ilha da Culatra

Na sua acção de promoção cultural das classes trabalhadoras, o Centro de Cultura Popular Martins Soares, de Olhão promoveu na ilha da Culatra uma sessão que compreendeu a actuação do Coro Bandeira Vermelha, do grupo de teatro do mesmo Centro e de marionetas para a petizada.

Festa de homenagem a Rainha

Henrique Evaristo da Efigénia (Rainha) teve no dia 1.º deste novo ano a sua merecida festa de homenagem, tributo de admiração e apreço a quem, durante mais de 20 anos, defendeu com invulgar dedicação a camisola do Sporting Olhanense.

A homenagem teve a presidência do dr. Almeida Carrapato, chefe do Distrito e decorreu no Estádio Padinha, em Olhão. Programa bem delineado, com vários motivos de interesse e a denotar o esforço desenvolvido pela comissão organizadora, que se não poupou a esforços para que Rainha tivesse a festa que efectivamente merecia. Daqui que se aguardasse com legítima expectativa a presença de mais público e de uma maior representação dos clubes.

O festival iniciou-se com um jogo entre o Sporting Olhanense e Saudade (Cabrita, Poeira, Abraão, Eminência, Joaquim Paulo, Filhó, Parra, etc.) e as Velhas Glórias do S. C. Farense (Bento, Queimado, Atraca, Chaby, Alfredo, etc.). O prémio terminou com o resultado de 1-0, favorável à turma de Faro, com golo obtido por Balela. Dirigiu a partida António Lemos.

Seguiu-se um desfile das agremiações desportivas com os seus estandartes, registando-se a presença dos Leões do Bairro, Quarteirense, Olhanense, Farense, São Luís e Marítimo, as quais formaram no centro do terreno. Depois e perante grandes aplausos, por entre as equipas principais do Olhanense e do Farense, Rainha entrou no terreno. Seguiu-se o elogio do atleta, feito pelo nosso camarada de Redacção, João Leal. Usaram também da palavra os d. ns. José Júlio Martins (Federação Portuguesa de Futebol) e Francisco Ezequiel Delfino (Associação de Futebol) e António Mercindo Guita (presidente da assembleia geral do S. C. Olhanense) que leram os louvores destes organismos ao brioso desportista, o qual já era detentor da medalha de exemplar comportamento da F. P. F. Depois, Rainha recebeu inúmeras lembranças.

Sob a direcção de César Correia, o encontro entre as equipas do Olhanense e do Farense teve o resultado de 4-2, favorável ao onze de Olhão. Os golos foram marcados por Sanina (15 e 43 minutos) e Odílio (58 e 82 minutos) pelos vencedores e Jacques (45 m) e Henrique (72 m) pelo Farense.

Quando Rainha, aos 20 minutos, cedeu o lugar a Jony houve uma solta de pombos e o público aplaudiu demoradamente o homenagem.

Vende-se em Silves

Casa térrea sita no Largo dos Mártires da Pátria. Informa Silves — telef. 42429.

Correio de LAGOS

A FILARMÓNICA DEU SINAL DE VIDA

No dia de Natal, Lagos viu a Filarmónica percorrer as principais ruas da cidade, detendo-se na Câmara Municipal, quartel militar e casa de Joaquim Pereira Taquelim, recentemente eleito para presidente da direcção para a gerência do corrente ano, cuja posse se espera após a apresentação do relatório e contas da direcção em exercício da presidência de A. M. Cristiano Cerol.

O presidente agora eleito que muito contribuiu para o sinal de vida da filarmónica, está animado de boa vontade, tendo já efectuado diligências no sentido de melhores condições para a vida de tão útil colectividade, mas como a situação desta, relativamente a sítios e cobrança de quotas, não está clarificada, oxalá na próxima assembleia geral tudo se clarifique para podermos saber com o que se conta para estimular o sr. Taquelim e restantes sócios eleitos para cargos directivos em 1976. Como já referimos, duvidamos que estes tomem posse sem o conhecimento exacto dos prós e contras do que projectado na melhor das intenções por quem visa abandonar a direcção, pode causar embaraços de realização aos que para obras de vulto nem sequer sabem com quantos sócios a filarmónica pode contar.

«NÃO CONFUNDIR AGRICULTURA COM POLÍTICA»

Quando homens como Manuel Faria escrevem «Não confundir agricultura com política», e apontam muito que nos faz crer que os jogos políticos de determinados chefes, contribuem grandemente, para realizações no campo agrícola,

Espectáculos grátis em S. Brás de Alportel

Já há bastante tempo que não tinha oportunidade de assistir a um espectáculo de variedades concebido e realizado por jovens de S. Brás, que, aproveitando o tempo das férias, não quiseram deixar de no-lo oferecer, não esquecendo também as crianças, a quem proporcionaram uma tarde de alegria com um filme de desenhos animados, tudo isto com entradas gratuitas, no Cine-Teatro local.

O espectáculo de variedades teve uma assistência que se pode considerar boa, mas onde faltavam nas primeiras filas os assistentes habituais em espectáculos deste género, e porquê? Porque eram os jovens de S. Brás? Por a entrada ser gratuita? Se as entradas fossem pagas, para assistir a qualquer espectáculo do género, talvez fosse logo reservada a primeira fila, como aconteceu em espectáculo anterior, segundo consegui apurar.

Estes espectáculos, que foram subsidiados pela Junta de Freguesia e Casa do Povo, merecem de todos nós o maior apreço e carinho e não deixarei de mencionar que os jovens pertencem ao Grupo de Acção Cultural. Trata-se de meia-dúzia de rapazes e raparigas, estudantes a maior parte, que nestas férias não quiseram deixar de nos mostrar que o seu grupo ainda não morreu, embora alguns tomem parte nestas iniciativas mais por certo interesse, ou seja a desculpa para os namoros às escondidas, os convívios, etc.

Quando ao espectáculo, segundo várias opiniões, agradou e poder-se-ia ter feito muito melhor se não fosse o exibicionismo de alguns e o descontrolo de outros. Quanto a nós pode considerar-se razoável, não deixando no entanto de sugerir que na próxima vez não se improvise tanto, em relação ao que se pretende.

No que respeita ao cinema, agradeo em pleno o filme para as crianças e com o qual muitos adultos não deixaram de se divertir.

Tivemos, enfim, uma quadra festiva em que houve alguém que se lembrou de que em S. Brás também merecíamos qualquer «prenda», principalmente aqueles que não puderam ir à passagem do ano porque os bilhetes eram caros.

Joaquim Manuel Dias

Combate de charolas na Luz de Tavira

A Luz de Tavira foi cenário de mais uma edição do tradicional combate de charolas que constituiu uma forma de comemoração natalícia entoando-se cânticos populares em louvor do nascimento de Cristo.

Esta tradição que se tem mantido de há longos anos, faz acorrer à Luz muitos visitantes no dia 1 de Janeiro. O «combate» deste ano, decorreu na Casa do Povo da freguesia. Concentraram-se ali as charolas da Palmeira, da Luz de Tavira, dos Novos Operários e dos Velhos Operários, também da Luz de Tavira, dos Novos Companheiros da Alegria, de Marim e dos rapazes de Santa Catarina da Fonte do Bispo, intervindo também o Rancho Folclórico das Cabanas de Tavira, e ainda uma charola que não contou para a classificação por terem fechado as inscrições no dia 29 de Dezembro.

A primeira classificada foi a charola dos Velhos Operários, com 20 pontos e o prémio de 1 600\$00; a segunda, a dos Novos Operários, com 11 pontos, e o prémio de 1 300\$00; a terceira a dos Novos Companheiros, com 7 pontos e o prémio de 950\$00, a quarta a da Palmeira com 4 pontos e o prémio de 750\$00 e a quinta foi a dos Rapazes, com 3 pontos e o prémio de 350\$00.

O combate foi organizado pelo Grupo Cultural e Desportivo da Luz de Tavira, com a colaboração da Casa do Povo.

Luís Gerardo Viegas

CASA vende-se

2.º andar, com 3 assoalhadas, cozinha e casa de banho, na Avenida Professor Egas Moniz (junto à Escola Industrial) — Vila Real de Santo António.

Trata: José G. da Cruz — Rua Almirante Cândido dos Reis, 25 — Vila Real de Santo António.

prejudiciais aos interesses da Nação, é caso para pensar nas explorações que mais convém, quer sejam no centro, sul ou norte do País.

O que Manuel Faria refere sobre a barragem do Alqueva de custo elevado e Vilamoura com aproveitamento de água que escapa para o Atlântico, afigura-se ser caso para ponderar no sentido de escolha do que melhor servirá a produção e, consequentemente, a economia da Nação.

Joaquim de Sousa Piscarreta

Unir e organizar

(Conclusão da 1.ª página)

guindado os que haviam feito o 25 de Abril. Só a partir de então a marcha para a finalidade da «Revolução dos Cravos» foi sendo acelerada.

Mas, viver em revolução, não é nada fácil. Nem aceitável, para os que têm a consciência de estar perdendo os enormes privilégios, as grandes negociações, os fabulosos lucros, arrancados sob a exploração das classes trabalhadoras, do povo em geral. Por isso, essa nova tentativa de assalto à Revolução, para a travar, para a estrangular, que foi o 11 de Março. Também desta vez, a decisão do povo, fardado e à paisana, determinou a derrota da perfídia e da violência reaccionária, que o famigerado ex-general Spínola chefiou.

Presentemente e a pretexto dos acontecimentos do 25 de Novembro, tem-se agravado a onda de saneamentos, de exonerações e de prisões de pessoas, militares e civis, que estiveram de alma e coração com o 25 de Abril e que continuam ao lado da Revolução saída desse progressista movimento. Isso só vem reforçar a ideia que temos de que não é nada fácil viver-se em tempo de Revolução.

Torna-se necessário, mais que nunca, uma análise profunda dos problemas e das consequências dos acontecimentos que motivaram o 25 de Novembro. Torna-se necessário, mais que nunca, um estudo sério e objectivo, isento de paixões políticas e de vingancinhas ocasionais, seja sob que pretexto for, sobre o que de trágico e de irremediável pode advir para esta adoentada Revolução e, consequentemente, para o País e o Povo, se se continuar a enfraquecer as hostes dos revolucionários, militares e civis, mantendo na prisão por mais tempo os que foram violentados com a prisão, os que foram violentados com os saneamentos e as exonerações à esquerda, e aqueles revolucionários que possam, ainda, vir a sofrer mais violências repressivas.

Torna-se urgentemente necessário, mais que nunca, reforçar os laços de unidade e de fraternidade de todos os que se sentem honestamente antifascistas, quaisquer que sejam as suas tendências políticas ou as suas filiações partidárias. Também é necessário e urgente que os antifascistas se lancem numa grande campanha, à escala nacional, de esclarecimento e de organização das massas trabalhadoras. Há sempre um motivo de interesse imediato, para aqueles que não possam ser movidos pela compreensão política de antifascistas, como seja o da melhoria e defesa da habitação, o da luta contra o desemprego, o da batalha contra a carestia da vida, o da necessidade de instalações sociais e culturais, de assistência à criança e à velhice, de satisfação aos anseios da juventude desportiva, e tantas e tantas outras motivações para as quais não é difícil a cooperação e a organização dos trabalhadores e outras camadas sociais da população.

Para que se possa ajudar a avançar a Revolução democrática que temos estado a viver, numa promessa de via para o Socialismo, para uma sociedade em que não mais exista a necessidade de exploração do homem pelo homem, é preciso, é necessário, é urgente, que os trabalhadores, homens e mulheres, se decidam a actuar.

Alberto Pires Cabral

MÉDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS DO CORAÇÃO

CONSULTAS às 2.ªs, 3.ªs, 5.ªs e

6.ªs feiras a partir das 17 horas

CONSULTÓRIO: Rua D. Carlos I, n.º 11-1.º Dt.º Tel. 23523

PORTIMÃO

O Natal e a realidade

(Conclusão da 1.ª página)

teza; tempo de ilusão para as crianças pobres e satisfação das crianças ricas.

Para mim só será Natal de verdade, quando todos tivermos trabalho e uma casa para viver, quando todos pudermos educar os nossos filhos até onde a inteligência deles os levar.

E quando os ricos sejam menos ricos e os pobres menos pobres, porque se o sol, quando nasce é para todos, uma democracia verdadeira terá de ser de igualdade para todos e não com o bem-estar social de uns e a miséria e a fome de outros.

Joaquim Manuel Dias

Trespassa-se

Café Restaurante Império. Motivo ter que ausentar-me para o estrangeiro.

Telefone, 87 — Vila Real de Santo António.

Actuar, produzindo mais e melhor, em todos os escalões da vida nacional, e em especial nas empresas nacionalizadas. Actuar na defesa dos interesses das classes exploradas, para a conquista de uma vida económica mais desafogada e de uma vida política ideal, abolindo as dificuldades opressivas ocasionadas pela actual sociedade capitalista, que tanto mal nos deixou desde o tempo do salazarismo/caetanismo, de que continuamos a sofrer directamente as consequências, e que tanto mal continua a fazer-nos, a todos nós, povo trabalhador, construtor das riquezas do País.

Não é fácil, nem cómodo, viver-se em período de revolução. Mas é indispensável e urgente agitar a ideia da necessidade de união entre todos os explorados e oprimidos. E, nessa união, conseguir-se uma organização de carácter geral, unitária, antifascista, de forma a poder fazer face, com resultados positivos, a todas (e muitas são) as dificuldades que, aberta ou disfarçadamente, as forças saudosistas do passado reaccionário e explorador possam manobrar, de forma a não podermos amar, nem acompanhar, por falta de compreensão e de identificação, o momento revolucionário que temos estado a viver. E que temos de impulsionar, se queremos, de facto, que nunca mais possa voltar o fascismo, torturador e criminoso, à nossa Terra. O fascismo que enlutou e tanto atrasou a Pátria Portuguesa, ao longo dos últimos cinco decénios da História de Portugal.

27-12-75

A. Vicente Campinas

Mercedes 240 D

VENDE-SE

Telefonar para 55482 —

Armação de Pêra.

JORNAL DO ALGARVE
N.º 981 — 9-1-976

TRIBUNAL JUDICIAL DA
COMARCA DE LAGOS

Anúncio

2.ª PUBLICAÇÃO

Faz-se saber que no dia dezasseis de Janeiro próximo, pelas catorze horas e trinta minutos, no Tribunal Judicial de Lagos, na execução ordinária que Francisco da Conceição Estêvão, casado, residente em Lisboa move a Lutzur — Empreendimentos Imobiliários, S. A. R. L. com sede em Lagos, hão-de ser postos em praça, pela primeira vez, para serem arrematados ao maior lance oferecido acima do valor indicado no processo, o direito ao arrendamento do local onde está instalada a carpintaria mecânica da executada, sita no rés do chão, na Rua Infante de Sagres n.ºs 95, 97 e 99 da cidade de Lagos e diversas máquinas de carpintaria, nomeadamente três garlopas da marca Pinheiro, uma tupaia da marca Pinheiro, um furador de corrente da marca Mida, uma desengrossadeira da marca Pinheiro, um afiador de lâminas e furador, uma prensa de ferro, um afiador de serras, uma moto serra, uma esmoriladora da marca Valdar, cinco lixadeiras, um berbequim eléctrico, um alimentador da marca Univer, oito bancos de carpinteiro, cem placas de contraplacado, uma porção de madeira Kampala e ainda um auto ligeiro de passageiros da marca Ford, com a matrícula ER-48-79 e uma furgoneta de caixa aberta, marca Karrier, com a matrícula JI-58-00.

Lagos, 22/Dezembro/75.

O Juiz de Direito,

a) Joaquim José de Sousa Dinis

O Escrivão de Direito,

a) José Carlos Palma Lucas

BRISAS do GUADIANA

Algo feito e muito por fazer em Vila Real de Santo António

NESTA transição de 1975 para 1976, vamos seguir um pouco o velho hábito de fazer como que o inventário daquilo que mais nos chamou a atenção, no capítulo das realizações, no ano que finda, e daquilo que realmente gostaríamos de ver concretizado, no ano que chega, em Vila Real de Santo António.

Em relação a 1975, no âmbito das «coisas feitas», notámos, por nos chamarem mais a atenção, os arranjos nos jardins da Avenida da República, em que se incluíram os sanitários públicos, cuja necessidade era evidente, conforme bastas vezes aqui referimos. Igualmente notámos o acréscimo de casas em construção, no bairro camarário frente à Litográfica do Sul, e as benéficas introduzidas no Parque de Campismo de Monte Gordo, onde os novos mercado e balneário público estão em vias de acabamento; o início da obra dos esgotos, no sítio do Matalouro, que acabará com as cheias tradicionais no populoso bairro e, ainda na sede concelhia, os melhoramentos em diversas artérias e o recomeço das obras do pavilhão gimnodesportivo.

Embora prometidas, não conseguimos enxergar as dragagens no novo canal da barra do Guadiana, nem ainda vimos nada da desejada reestruturação dos serviços de assistência locais, cuja falta, nos moldes preconizados, tem sido persistentemente registada, em especial pelos que mais a sentem. É evidente que as coisas, neste sector, não correm bem e que, existindo já um programa esquematizado, seria aconselhável dar-se-lhe, quanto antes, seguimento. Esta será, portanto, com as dragagens da barra, uma aspiração a desejar-se que deice de o ser no novo ano.

Entre muitos outros factores que poderão influir no progresso local nos próximos doze meses, quer num plano de projecção regional, quer num ponto de vista meramente interno, figura, a nosso ver, o asseio das principais artérias da vila, para captar e manter os que nos visitam e não apenas na quadra estival, mas durante todo o ano. É evidente que uma terra cujas ruas se apresentem pedregas e sujas, delas fazendo alguns habitantes arrecadações, oficinas, depósitos de cascas e papéis, escarradores, etc., não capta a atenção nem a simpatia de ninguém, antes afasta quem pretenda acozhar um período de sossegadas férias.

É neste aspecto do sossego, haveria, também, que pedir a ponderada colaboração dos utentes das bicicletas motorizadas, não daque-

les que em qualquer dia útil vão ou regressam das ocupações, mas dos que, sem nada que fazer, passam as noites a massacrar os tímpanos e a impedir o sono de quem, no dia seguinte, terá de dar conta da sua profissional tarefa. E nem o aumento do preço da gasolina consegue alterar-lhes tão perniciosos hábitos... J. M. P.

Alteração das taxas de correio

Por resolução do Conselho de Ministros foram alteradas as tarifas de correio a partir de 1 de Janeiro do corrente ano.

Não tendo sido possível um completo esclarecimento do público com a antecipação que se impunha, os C. T. T. esclarecem de que até ao dia 10 de Janeiro, não serão agravadas com sobretaxa as correspondências que circularem no serviço nacional com as taxas anteriores. Ao contrário do que por vezes tem sido noticiado, as taxas telefónicas e telefónicas não sofrerão qualquer alteração.

CADA VEZ PIOR!

Se os reformados da Previdência, antes do 25 de Abril, viviam mal, com o desordenado aumento da inflação verificado nestes últimos tempos, desordenamento que não se sabe onde e quando terminará, essa vivência agravou-se muitíssimo mais, nestes últimos dias, não obstante se falar em mais justiça social em prol das classes mais desfavorecidas. Como todos sabem, desde o mais culto ao iletrado, a inflação atinge sempre, por mais que se esgrima no campo da linguística, as classes mais desprotegidas e muito especialmente os reformados do escalão dos 1650\$00 mensais. E todos os homens de gabinete sabem perfeitamente disto, embora não liguem muito ao facto, como aliás acaba de se verificar com o anunciado aumento das pensões referidas, de 1650\$00 para 2000\$00 mensais, aumento que consideramos não só ridículo, como até anti-social, por se verificar

por J. Santos Stockler

num momento em que tudo sobe descontroladamente, unicamente em prejuízo, repita-se, dos eternos mártires, ou seja daqueles que nunca souberam, durante toda a sua vida, o que foi viver bem.

Como se fala, agora mais do que nunca, na protecção às classes mais desfavorecidas, é justo que se olhe a essas mesmas classes com mais «olhos de ver» e coração de realmente sentir as misérias alheias uma vez que, quer alguns queiram ou não, ainda existe muito coração «de bronze» neste País que se grita ter optado pela via socialista. E para que a tal via socialista seja realmente um facto, ela tem que ser socializante, o que até agora se contradiz, pois que o socialismo é apenas para uns tantos, quando deve beneficiar o todo nacional, sem excepções.

Para maior tristeza de quantos pertencem às classes menos favorecidas, acaba agora de ser anunciado pelo departamento competente que a carne para bifes vai sofrer grande aumento, em benefício dos consumidores da carne com osso, etc. Sim, senhores, que grande medida de protecção às classes mais desfavorecidas, esta agora anunciada! Perante esta desequilibrada medida, apenas os senhores dos salários chorudos vão viver à grande e à francesa, pois poderão comer bifes o mês inteiro, enquanto as classes mais desfavorecidas, irão ter o direito de chupar o osso ou roer carne tão dura que, ao comê-la, ficarão sem o resto dos dentes.

Não, senhores de gabinete; não são só os senhores dos ordenados chorudos que têm direito a comer bifes. Aos pobres reformados e às classes mais desprotegidas, desde que nasceram até hoje, também lhes assiste o direito não só de comerem bifes, que mais não seja uma vez por mês, como de comerem, como os reais senhores, todas as bens de consumo que apareçam no mercado nacional. De contrário, hoje, como nos tempos primitivos, uns serão os grandes senhores da gleba, e os outros os eternos escravos, o que contradiz toda a essência da verdadeira ética socialista, ou seja da tal sociedade sem classes de que tanto se fala, mas para a qual tão poucos vêm contribuindo desde o 25 de Abril até esta data, não obstante se gritar em quase todos os comícios e reuniões do conselho de ministros, que se caminha rumo à construção do socialismo, neste País onde uma boa parte são um grande grupo de marotos a fingir de boas pessoas.

A nosso ver, ou se estuda maneira mais justa e humana de resolver, quer o problema da carne como os dos restantes bens de consumo, em benefício de todos, dando a cada um o que tem direito, ou se fecha a torneira da bandeira do pró-socialismo tão anunciado, mas tão pouco praticado. Das duas uma. O que não podemos é continuar a viver na ilusão, fechados no armário dos prometimentos, enquanto os grandes senhores não sentem, nem sentiram ainda, o mínimo safoano da inflação. Portugueses somos todos nós, reformados, o Povo em actividade e os grandes senhores. Por isso, fazer excepções é começar a dividir os homens em classes sociais, o que contradiz, repita-se, a ética socialista tão anunciada desde o 25 de Abril, mas até agora sem qualquer resultado positivo para as classes mais desfavorecidas.

Enquanto o homem apenas se preocupar com o seu bem-estar, esquecendo as misérias alheias em vez de se preocupar com o bem colectivo, nada teremos feito em prol da construção do socialismo em Portugal. E é isto que os homens, quer de gabinete, como os profissionais da política, deverão ter em linha de conta, quanto antes possível, antes que uns e outros caiam no total descrédito do povo português, o que seria de lastimar, para todos nós.



Ao contrário do que as camisolas poderiam sugerir, não se trata do «portuense» Cubillas em luta com algum defensor benfiquista, mas sim de Erwin Kostedde, que joga na equipa do Hertha BSC de Berlim e na selecção nacional alemã, que não há muito ganhou o campeonato do Mundo. Nesta imagem, Kostedde transformou-se num aerobata de solo, durante um duelo com o seu adversário Rausch, do Offenbacher Kickers (em segundo plano). Na Alemanha, como em Portugal, o futebol continua oferecendo a muita gente prazer, dores de cabeça e uma espécie de compensação para o esgotamento profissional e para os problemas cotidianos.

Actuações do Coro do Conservatório do Algarve

CRiado há cerca de ano e meio o coro do Conservatório Regional do Algarve tem levado Algarve fora, a mensagem da música coral. Regido pelo rev. José Pedro Martins e constituído por gente dos mais diversos sectores, alunos e professores ou não daquele organismo, o coro tem ido de abalada até às aldeolas e sedes de freguesia da zona serrana ou da orla marítima, como tem actuado nas cidades e vilas do Algarve. Houve também já um pulo até à vizinha Espanha, mais propriamente à fronteira Alamoente. O repertório é variado, abrangendo desde os cantos populares às canções heróicas ou revolucionárias.

O Coro deu há pouco as suas «boas festas» a todo o País e de um modo mais pessoal é directo à capital algarvia. Para o País fê-lo através de um programa que a Emissora Nacional transmitiu, e a população farense teve o ensejo de o escutar em audição natalícia realizada na Sé Catedral de Faro. A apresentação esteve a cargo da pianista Maria Campina, directora do Conservatório do Algarve e o programa incluiu cânticos litúrgicos, canções tradicionais do Natal na França e na Alemanha, cântico natalício algarvio, canções tradicionais portuguesas, espirituais negros, cântico siciliano, etc.

O acompanhamento a piano e órgão esteve a cargo da prof.ª D. Célia Romero Magalhães e do aluno João de Almeida.

João Pombo Lopes

Médico estomatologista

(BOCA E DENTES)

Cirurgia Oral

Ex-Assistente do Instituto Português de Oncologia.

Consultas diárias a partir das 16 h, na Rua Reitor Teixeira Guedes, 3-2. — FARO — telef. 25855.

Novo clube desportivo em Vila Real de Santo António

NUM imóvel da Rua Teófilo Braga, em Vila Real de Santo António, que em tempos serviu de sede ao extinto Clube Recreativo Lusitano, instalou agora os seus serviços o Grupo Desportivo Leões do Bairro, cujos recentes êxitos no futebol popular e particular deixam supor que será este o principal sector da sua actividade.

As novas instalações do clube são modernas e o local bastante céntrico, o que será meio caminho andado para se afirmar como representativa colectividade futebolística vila-realense, a substituir, talvez, no campo desportivo, o Glória Futebol Clube, que de há muito abandonou tais actividades para se dedicar ao teatro e ao cinema.

À BEIRA DO GUADIANA...

CONTA-ME o amigo Daniel mais uma do saudoso Zé Aranha. Um amigo dele, e tinha muitos, viu-o um dia na prisão de Vila Real de Santo António. «Olá! Então, preso outra vez, mó! O que fizeste desta vez?» O Zé Aranha encolhe os ombros: «Pedi ao doutor juiz um cigarro, mó! E ele deu-me três meses... ora ainda bem que não lhe pedi o maço! Era capaz de me dar um ano, poças!»

Esta contou-me o José Maria: embora longe de ser rico, o Zé Aranha tinha um pequeno prédio que ficava à beira do Guadiana. O casal que o alugou por 50 escudos mensais queixou-se um dia ao Aranha, alegando que, quando chovia, a água entrava, «mil litros de água pela parede, abaixo, mil litros de água!» Responde o senhorio sem pestanejar: «Ai sim? Ora, essa está mesmo boa, sim senhores! Então por 50 escudos por mês, o que é que vocês esperavam? Que em vez de água corresse champagne?!»

Pois o Zé Aranha era também carpinteiro de construção naval. Um belo dia o António Pena deu-lhe o tronco de uma árvore e disse-lhe: «Olhe lá, você faz-me um mastro para aquele pequeno bote que estou a construir para o Kirberger? Esse, pois. E para ele dar uns passeiosinhos no rio, enquanto a gente acaba o tate, está a compreender?» Sim, onde estava a dúvida? O mastro estaria pronto no fim-de-semana, ficasse o «Tate» descaçado: um corte aqui, outro ali, depois era só aplicar-lhe a plaina! Meteu logo mãos à obra, que preguiçoso nunca ele foi. Acontece que, mesmo à frente do sítio onde trabalhava, havia uma casita muito gira e, nesse dia entraram novos inquilinos, turistas ingleses. Tinham uma criada, uma menina ainda muito mais gira que a casa! Se o Zé Aranha era feio ou não, não sei. Mas tinha uma personalidade magnética, old! A moça, mal assomou à janela e o viu, ficou logo embeicada por ele. Já não ardeava pé da janela, era só olhar para o Aranha, a olhar, a olhar, mesmo encantada. «Ai, mãe! Mas que rica soeiras», murmurava o Aranha, olhos colados na moça. Mas não deixava de trabalhar, preguiçoso nunca foi. E a plaina corria de um lado para o outro, corria, corria, cada vez mais depressa, cada vez com mais força. Tal era a paixão do carpinteiro! Pois de repente começa a moça a gritar-lhe da janela: «Look! Look! Oh, my God!» Pois ele percebia inglês, e compreendeu que a rapariga gritava «Olhe! Olhe! Oh, meu Deus!», apontando para o mastro. Ele olhou: qual mastro, qual carapuça! Tinha nas mãos, em vez do mastro... um palito!

Disse há dias um cliente do «Es-

condidinho», em Olhão, ao seu proprietário, o sr. Augusto: «Olhe lá! Aqueles cavalheiros que acabou de servir, na mesa ao canto, são os maiores comunistas do Algarve! Ora eu não sou político, não senhor, mas essa malta da foice-e-martelo é que não posso ver! Não posso com eles, pronto!» Com a calma habitual, quase britânica, responde o sr. Augusto: «Pois, olhe, meu amigo! Eu cá posso com eles, como «posso» com todos! Nesta casa entram todos, socialistas, os do PPD e CDS e do MRPP. Então esses senhores são comunistas? Nem me interessa! Eles são como os outros, são todos «comistas», amigo e sr. Laranjal! Pois «comistas» é que eu aqui quero, sejam eles de que partido forem.»

Quando estive em Lisboa, recentemente, conversei com um médico que serviu o Exército no Ultramar, em Angola. Falou-se nos enfermeiros militares que com ele trabalharam e chegou mesmo a mencionar um amigo meu, da família Pereira, de Tavira: «Não conheci um só enfermeiro militar que não fosse competente. Esse moço Pereira, o Tavira, como era conhecido, esse então foi dos melhores. Quem diz que um enfermeiro militar, principalmente o que serviu no Ultramar, não merece equivalência com o civil, não sabe o que diz! E que ainda há quem pense que o enfermeiro militar não faz mais nada do que extrair estilhaços e curar ferimentos de guerra. Ora, os nossos rapazes faziam muito mais do que isso. Posso mesmo afirmar que eles, num ano de serviço no Ultramar, ganhavam muito mais experiência do que qualquer nos hospitais civis de Lisboa, por exemplo. Mas muito mais. Basta dizer que sem eles, nós, os médicos, nunca teríamos podido tratar de doentes de toda a espécie, casos de pneumonia, influenza, paludismo, peritonites, enfim, doenças tropicais e muitas mais. E eles conosco, tratávamos não só dos militares. Havia dias em que a bicha de doentes civis à porta dos hospitais e enfermarias ultrapassava os militares que ali recebiam tratamento. Havia dias, muito. Era quase sempre. E não vamos esquecer que na fronteira, por exemplo, recebíamos doentes e feridos de países vizinhos, como os do Congo-ea-belga. E nem perguntávamos quem eram. Muitos deles até eram familiares das forças que lutavam contra os nossos soldados. E não poucos confessavam que eram do MPLA. Dávamos tudo o que podíamos, desde injeções até medicamentos. E toda a espécie de tratamentos, meu amigo! Pois com tudo isso, repito, quem acha que os enfermeiros militares, agora desempregados em Portugal, não merecem os mesmos salários e privilégios que são dados aos enfermeiros civis, não sabe o que diz! Acho mesmo um autêntico escândalo, essa relutância por parte de certa gente, em acolher esses moços nos hospitais civis; um autêntico escândalo, sim senhor!»

Também eu acho tal atitude um autêntico escândalo. Achava, isto é. Porque parece que se o assunto ainda não foi solucionado, estará prestes a sê-lo. Trata-se de um caso pouco focado na Imprensa. Pelo menos nos jornais que habitualmente leio. Mas já me disseram que sim, que o Conselho da Revolução já se debruçou sobre o problema e o resolveu com justiça.

Vende-se

Apartamento mobilado Siroco-Olhão.

Trata J. Gouveia — Rua D. José de Bragança, 27 — Lisboa-6.

«A Voz de Loulé»

ENTROU no 24.º ano de publicação o nosso prezado colega «A Voz de Loulé», proficentemente dirigido pelo nosso amigo sr. José Maria da Piedade Barros, a quem cumprimentamos por mais este aniversário.

ESPAÑHA: CORRELAÇÃO DE FORÇAS

«O FRANQUISMO já viveu o tempo que tinha a viver. Nenhuma coligação política, nem nenhum compromisso de artifício o poderão salvar», escreve o observador político do «Izvestias», Alexandre Bovine, comentando a correlação de forças em Espanha. «A Espanha vai sair para sempre do jugo franquista. E o objectivo da classe operária, de todas as forças do bem da sociedade espanhola, constata o autor.

«Francisco morreu. O franquismo está condenado, mas quer sobreviver. Eis os principais parâmetros da situação política em Espanha.»

«O carácter e as cadências da transição para a época pós-franquista dependem da correlação de forças entre os principais agrupamentos políticos que, apesar do carácter impreciso e móvel dos limites entre eles, da sua heterogeneidade, são suficientemente distintos. Primeiramente, o grupo ultra-conservador, chamado «Os Homens de Bunker» para os quais o franquismo é o alpha e o omega da sua vida, tem poder e influência. Em segundo lugar, existe e actua um aglomerado de pessoas e de organizações centristas e de centro-direita, desde os quase franquistas aos que quase não são já franquistas. Em terceiro lugar, numerosos partidos e grupos de centro-esquerda e da esquerda que reforçam e tornam mais firme a sua posição. Eles preconizam a ruptura pura e simples com o franquismo.

Analisando as actividades de diversos agrupamentos políticos espanhóis, o observador pensa que «não se pode excluir o facto dos «ultras» procurarem agravar o mais possível a situação, até um golpe de Estado. Mas é pouco provável que as forças de direita recorram a um golpe de Estado. Os

franquistas ortodoxos estão já muito enfraquecidos e isolados. Mesmo o sucesso de um golpe de Estado excluiria hoje em dia a sua participação sob qualquer forma na vida política futura. Mas eles continuam a esperar...»

Evocando o movimento democrático nesse país, Alexandre Bovine indica: «Os movimentos e os grupos de esquerda apoiam-se em primeiro lugar, na classe operária espanhola. São apoiados por uma parte do campesinato, do baixo clero e das classes médias das cidades. São seguidos por importantes camadas de intelectuais. As ideias de esquerda começam a penetrar no Exército.

«Apesar das diferentes concepções do mundo, plataformas ideológicas e políticas, os partidos e os grupos de ala esquerda estão unidos pela mesma vontade comum de acabar com o franquismo.»

A. P. N.

Artesanato algarvio em exposição em Silves

ORGANIZADA pelo Grupo dos Amigos de Silves encontra-se patente num dos torreões do castelo da antiga capital do Chenchir, uma exposição de artesanato algarvio, onde figuram trabalhos em cobre, esparto, rendas de bilros, crochet, palmas, cortiça, quadros com conchas, etc.

A exposição pode ser visitada até 15 deste mês.

JORNAL DO ALGARVE lê-se em todo o Algarve

SURDEZ

OTACÚSTICA proporciona EXAMES GRATIS nas seguintes localidades:

SEGUNDA-FEIRA — DIA 19 DE JANEIRO
TAVIRA — Farmácia Sousa — das 9 às 10 horas
OLHÃO — Farmácia Ferro Júnior — das 10 às 11 horas
FARO — Farmácia Higiene — das 11 às 12 horas

TERÇA-FEIRA — DIA 20 DE JANEIRO
PORTIMÃO — Farmácia Rosa Nunes — das 9 às 10 horas

OTACÚSTICA
Rua da Madalena, 152-1.º — Telefone 86 52 75 — LISBOA